



SUMMARIO

Chronica	Olavo Bilac. †
Das Festas	Rodolpho Amoêdo.
Talisman	Coelho Netto.
Tradições	Mario Pederneiras.
Os altos Pyreneus	Thomaz Lopes.
Um Estudioso Pernambucano	José Verissimo.
Um regalo (trichromia)	
A Promessa	Dr. Henrique Castriciano.
Uma novidade Ichthyologica	Alípio de Miranda Ribeiro.
Uma Sociedade Secreta	Mario Behring.
Uma Obra Prima	Ademir.
A Fraternidade Universal	Reis Carvalho.
Mosé do Palhaço	Gonzaga Duque.
A Amazona	Virgilio Varzea.
No Lago de Genesareth	Emilio de Menezes.
Cabula	M. Oitavy de Alencastro.



Malagutti

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

INTERIOR.
NUMERO

ASSIGNATURA ANNUAL
20\$000 EXTERIOR. 25\$000
AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

JANEIRO 1907

N. 1



ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES



CHRONICA



proposito do fallecimento do visconde de Cabo-Frio, muito se fallou, durante o mez, de velhos e de velhice, de macrobios e de longevidade.

Barbacena, Sinimbú e Cabo-Frio eram tres arvores humanas prodigiosas, tres jequitibás gloriosos, vencedores da idade e das procellas da vida, — tres creaturas felizes, que lisonjeavam a nossa vaidade. Quando malsinavam o nosso clima, declarando-o pernicioso e assassino, — nós, cariocas, diziamos com orgulho: “Pois, sim! não temos nós um Barbacena, que já completou cem annos, e anda por ahi lepido e garboso como um rapaz? não temos nós um Sinimbú e um Cabo Frio, que, com mais de noventa annos, ainda vivem, pensam e trabalham? é possivel dizer mal de um clima que permite casos

taes de longevidade, de robusta e verde velhice?!”

Ai de nós! esses tres nobres anciãos, — attestados valiosos da nossa capacidade para viver muito, — desapareceram todos, com pouco tempo de intervallo. Dir-se-hia que viviam uma vida commum, harmonica, inseparavel. A morte do primeiro acarretou a morte dos outros, — e parece que Cabo Frio, o ultimo que nos restava, sentiu a saudade dos que o precederam no tumulo, e foi juntar-se a elles, nessa outra vida mysteriosa em que talvez a gente seja eternamente moça...

Mas, felizmente, ainda nos restam muitos octagenarios, muitos nonagenarios, e muitos centenarios, cuja velhice demonstra que o nosso clima não é mais destruidor do que qualquer outro. No reino animal, como no reino vegetal, não devemos, quanto á aptidão para viver muito, ter inveja das outras terras. Com este calor e esta humidade, que possuímos, e que são elementos poderosos de vida, é absurdo pretender que

esta região seja uma das preferidas da destruição rápida e da morte prematura.

Fallam-nos dos cedros de Libano, da Australia e da California, que duram seculos, e das oliveiras de Gethsemani, em Jerusalem, que, segundo a lenda, são ainda as mesmas que assistiram á paixão de Christo...

Mas que inveja nos pode isso causar?

Alli no Jardim Botanico, logo á entrada, podemos admirar um soberbo *Itó*, tambem chamado *Carrapeta* ou *Marinheiro*, que é sobrevivente da floresta virgem que outrora cobria aquella zona. Em 1500, ha mais de quatrocentos annos, já era certamente uma arvore adulta, e tão robusta como hoje. Quem é capaz de dizer quantos seculos terá aquella arvore veneranda? E os jequitibás, que ha por esse vasto Brasil, elevando ha milhares de annos a sua copa verde no céo?

Tambem os homens, no Brasil, podem viver tanto como os homens nascidos em qualquer outro ponto do planeta.

As causas da diminuição do numero dos macrobios são as mesmas em toda a parte. O aperfeiçoamento da raça humana encurta a sua existencia. Antigamente, os homens viviam longamente: hoje vivem intensamente; a sua vida perdeu naturalmente em extensão o que ganhou em actividade.

E' possível, de certo, acreditar no que diz a Biblia e no que dizem certos autores antigos, acerca da espantosa longevidade de certos homens. Não me repugna crer que Adão tenha vivido 930 annos, e que o intemperante Noé, apesar da sua quéda para a moafa, tenha batido esse *record*, chegando á bella idade de 950 annos. Tambem não ponho duvida em aceitar como certo que o famigerado Atila tenha morrido aos 124 annos, em consequencia de uma indigestão que o victimou depois do festim das suas nupcias com a formosa Idilco...

São cousas que se podem admittir, attendendo a que a nossa refinada civilisação

ainda não tinha depauperado o sangue da gente desses tempos.

Hoje o maximum da longevidade, em qualquer ponto da terra, é de 100 a 110 annos: e esse maximum tanto é attingido aqui como na Europa, na Asia ou na Africa.

Ainda ha poucos dias, vi em mãos de um dos photographos da Prefeitura um interessante album, contendo os retratos de uma duzia de macrobios, cuja existencia foi verificada pela commissão do Recenseamento, só no bairro de São Christovam.

Todos elles teem mais de cem annos, e nunca sahiram do Rio de Janeiro: aqui nasceram, aqui envelheceram, e aqui hão de provavelmente morrer, quando a Morte, que parece ter-se esquecido delles, achar que é desaforo viver tanto... Viram a chegada da familia real portugueza acossada de Europa pelo vendaval napoleonico, tomaram parte provavelmente nas assuadas e nos motins do 1º imperio, acompanharam todas as peripecias do longo reinado de D. Pedro II, viram o advento da Republica, e ainda estão ahí, de olho aberto e esperto para assistir a muita cousa...

Confesso que, como carióca, passei alguns minutos agradaveis na contemplação das photographias, — vendo e admirando aquellas faces encarquilhadas, amarrotadas, apergaminhadas pela idade, de olhinhos quasi sumidos ao fundo de novellos de rugas, e aquellas mãos nodosas em que as veias resaltam grossas e duras como cordas retorcidas...

Doze macrobios, só num bairro do Rio de Janeiro!

E lembremo-nos que não se trata de gente rica e feliz, de vida facil. Todos esses anciãos são rudes populares, de mãos calçadas pelo trabalho duro. Começaram a labutar ainda creanças, e ainda hoje não recuam diante de um carroto ou de qualquer outro meio de ganhar dinheiro. Alguns foram escravos, conheceram todas as torturas do captiveiro, andaram ao ganho, padeceram fome e sede, curtiram negros dias de calabouço e de tronço, tiveram as

costas retalhadas pelo vergalho do feitor. Nada disso obstou a que conservassem a vida, sadia, forte e valente. Nada disso, accrescentado á dureza do clima, impediu que elles chegassem a essa idade de um seculo, — em que a creatura humana deixa de ser um individuo para ser a chronica viva de tres gerações.

Nenhum delles sabe que ha uma sciencia ou arte, chamada *macrobiotica*, que é a arte ou sciencia de viver muito e bem, e de conquistar a *agerasia*, que é a velhice sem enfermidades. Nenhum delles sabe o que é a *gerocomia*, regimen salutar a que se submettem os velhos ajuizados que, apesar de velhos, ainda não se desgostaram da vida, porque consideram, com rasão, que viéram ao mundo para viver e não para morrer, porque se tivessem nascido para morrer não valeria a pena terem nascido...

Nenhum desses macrobios de São Christovam sabe o que querem dizer taes palavras extravagantes. Todos elles só empregaram um processo para viver muito: deixaram-se viver, como as arvores da floresta, sem pensar na morte, e sem complicar a vida.

Assim, é calunnia dizer que o nosso clima é lethal. Comprehende-se que a longevidade não seja incompativel com a maleficiência do clima, — quando o longo vivo é um homem rico e venturoso, podendo poupar-se, tratando-se, animando-se, dormindo e comendo bem, evitando desgostos, recorrendo ao leite coalhado, ás injeccões de Brown Séquard, aos sôros cytotoxicos de Metchinikoff, — e, em uma palavra, pondo em pratica o preceito de Cicero: “é possível combater a decrepitude como se combatem as molestias...” Mas, no caso destes macrobios de São Christovam, sem hygiene, sem conforto, sem as precauções

que sómente são possiveis com a riqueza, — é preciso reconhecer que a sua ancianidade é um franco-elogio e uma clara demonstração da bondade do clima.

Deixemos fallar quem falla! Tambem o humus do nosso solo tem força e virtude para nutrir arvores tão fortes e duradouras como esses famosos baobabs do Cabo Verde e essas celebres wellingtonias da California que vivem de tres a quatro mil annos sem nada perder do seu viço; e, se não temos homens que, como Atila sejam capazes de casar aos cento e vinte e quatro annos, temos gente que aos cem annos ainda vibra, labuta e floresce.

Certa vez, em Itabira, em Minas, encontrei uma preta velha, velhissima, que me espantou pela sua vivacidade e pelo seu bom humor. Já não tinha um só dente na bocca, e a sua cabeça parecia coberta de uma espessa pasta de alvo algodão em rama. A gente mais velha da cidade sempre a conhecera velha; e o sacristão, homem de cincoenta annos, dizia com graça: “eu *ainda* não tinha dentes, no tempo em que esta creatura *já* os não tinha!”

Perguntei-lhe:

— Você que idade tem, tia?

Ella mostrou-me as gengivas no sorriso, e disse:

— *Hê! hê! sinhô, nêga véia não tem mais idade... nêga se esqueceu de idade, e idade se esqueceu de nêga...*

Valha-nos isto, amigos! no Brasil podemos viver e envelhecer como se vive e envelhece nos mais salutaes climas. Vamos vivendo, vamos envelhecendo, — e vamos, enquanto pudermos, logrando a Morte, que afinal um dia sempre se ha-de cançar de ser lograda...

O. B.



1907

R. AMOÉDE

○ TALISMAN

EM escusa e sordida viella, que era um tremedal nauseante entre arruinados casebres, na baiúca mais acaçapada e tão velha que os muros fendidos abriam-se em largas brechas d'onde ao cahir da noite, saham, aos trissos, révoas de morcegos, em companhia d'uma escaveirada bruxa vivia um velho mouro, tido por feiticeiro por ser mui sabido em curas e profundamente versado na sciencia dos augurios.

Os seus philtros operavam como se fossem o proprio elixir da vida cuja formula os alchimistas procuravam.

Enfermo á cuja cabeceira o mouro se sentasse ainda que houvesse sido desenganado por todos os physicos da cidade logo readquiria o espirito e sarava. Horoscopo que elle tirasse consultando os astros cumpria-se com a precisão com que o sol faz o seu curso no ceu.

Era tão celebrado o poder do homem magico que os christão, sempre acirrados contra os marranos da sua laia, gente aleivosa e má, aparceirada com o demonio, indigna do ar e da luz, temiam-no e respeitavam-no e os fidalgos de maior entono, depois do toque de correr, quando as ruas escuras ficavam a discreção dos volteiros temidos, cuidadosamente embuçados, renteando os muros erriçados de hervas, onde piavam corujas lugubres, iam pela viella em passos ligeiros e, com o punho da espada, batiam rijamente á porta do mouro desaparecendo de repellão nas trevas do corredor.

Uns, dados a amores, iam buscar amavíos; outros, achacados iam a remedios; ainda os havia crentes que confiavam nos grandes livros cabalisticos nos quaes o mouro decifrava presagios sempre venturosos: annuncios de riquezas e honrarias, victorias em expedições, sorte em amores, tal fosse o consultante: namorado, ambicioso ou cavalleiro.

Um dia correu a cidade a noticia de uma grande e maravilhosa descoberta do mouro—

que elle conseguira compor, com o prestigio de um signo, um talisman de ventura. Quem o possuísse teria o que desejasse. Senhor de terras veria a sua lavoura medrar com abundancia, multiplicar-se o armentio, reenxamearem-se as colmeias abandonadas, revigarem os vageiros. Fontes lia muito estancadas borbotoariam aos golfões, arvores sem seiva brotariam de novo. Pastores descobririam minas, mestiraes achariam thesouros, guerreiros teriam os melhores despojos, enfermos ficariam sãos e só com uma volta de canto e um tremulo nas alaúdes os namorados veriam apparecer na adufa o rosto amado, logo ouviriam ranger de quicios e um braço branco, estendendo-se na sombra, recebel-os-ia á porta guiando-os através de corredores silentes á camara tão ardentemente desejada.

Com tal noticia foi immenso o alvoroço entre os homens e todos affluiram á baiúca do mouro e as escarcellas de velludo, as bolsas de couro despejavam moedas na banca do inventor do talisman da ventura.

A viella, dantes socegada e deserta, mais silenciosa que um almocovar maldito, onde nem aves cantam, encheu-se de gente: fidalgos e villões, burguezes e camponios, todos aldrabando á porta do mouro, desaparecendo, com pressa anciósa, na sombra fria do corredor.

A todos o homem magico, em cujos labios pairava um sorriso ironico, entregando o talisman da ventura, repetia as mesmas palavras—

—Tendes na mão a chave de toda a fortuna e tudo obtereis, dentro em um anno, se não cederdes á curiosidade. Dentro do breve que vos entrego encerrei o segredo-mysterioso. Tive a sua revelação em uma noite de Agosto, á hora em que nos valles e nos desfiladeiros os espiritos bailam á luz funerea do luar. Para que se realise o prodigio é necessario que conserveis o breve tal como vol-o entrego, sem vos preocupardes com o que nelle existe. Si tal cumprirdes vereis mudar-se a vossa sorte. Tereis as riquezas maiores, todos os amores; não haverá bravura que prevaleça contra vós e ainda que as pestes assolem a terra, dizimando os seus habitantes, passareis refractarios a todo o mal, sem que o proprio Anjo sinistro possa alcançar-vos com seu flagello. Onde os

outros virem areia e arro descobrireis ouro e gemmas. A sorte está em vossas mãos se, abrides, porem o breve, o talisman perderá a sua virtude, assim é preciso que observeis a condição de respeito ao mysterio. Se tal fizerdes voltaí dentro do prazo de um anno á casa de vosso servo que muito se alegrará em ver-vos, ouvindo de vossa boca a confirmação do que lhe foi dito pelo génio quando lhe communicou os sete arcanos de que se compõe o talisman que levais.

Foram-se os varios homens contentes, jurando que nunca procurariam ver que havia nas suas nominas, tanto, porem, que deixaram a viella, logo em todos começou a curiosidade a pruir. «Que será? Sete arcanos..!» E apalpavam, cheiravam, viravam, reviravam entre os dedos o breve de couro. «Que haveria ali dentro?» Alguns affirmavam haver sentido estranho, deliciosissimo perfume: outros garantiam ter percebido movimentos, como de um animal. «E' uma pedra, talvez da lua» dizia este; «E' uma esquirola de osso,» asseverava aquelle. Um:—«E' frio, mais frio que a neve.» Outro:—«Abraza que nem fogo vivo.» E discutindo, com as mais desencontradas opiniões lá iam.

Sós na baiúca, o mouro e a bruxa, puzeram-se a contar as moedas. Ao fim, disse a mulher, que conhecia o segredo do talisman:

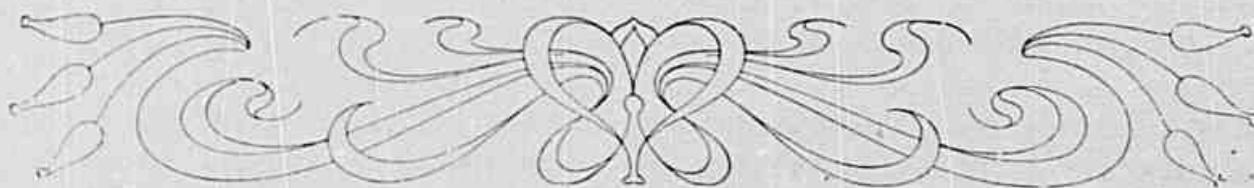
—Que pensas fazer agora? Bom será que, quanto antes, passemos a lugar seguro porque os homens, ao fim do tempo, vendo que nada conseguem, hão de vir ter contigo, não com a brandura de pedintes, mas com a furia de defraudados, protestando contra o logro que lhes pregaste e... ai! de nós.

Mas o mouro, que era atilado, ajuntando uma a uma as moedas luzentes, retorquiu com serenidade:

—E esperas que voltem? Bem mostras que não conheces a alma humana. Nem um só aqui tornará, porque a condição que lhes impuz será a minha garantia. Dei o prazo de um anno e estou em affirmar que, antes da noite, todos os breves estarão abertos mostrando os seixos que encerram. Satisfeita a curiosidade ficarão os homens arrependidos, mas será tarde e cumprir-se-á o que eu disse: o talisman perderá a sua virtude. Descança: nem um só tornará. O homem, por curiosidade, desceria ao inferno, se lhe descobrisse o caminho, ainda que todo elle fosse assoalhado de brazas. Não te dé cuidado o amanhã.

Effectivamente o prazo escolli sem que um só dos possuidores do talisman apparecesse. Teriam enriquecido!? Ai! d'elles.

COELHO NETTO.



TRADIÇÕES

E SAHIMOS, que até era peccado ficar a gente a se empreguiçar nas comodidades caseiras da sésta e da roupa folgada, quando lá fóra andava a magestade de um domingo triumphal, d'oiro e azul, a convidar para a bohemia alegre dos passeios de folga, para a contemplação deliciosa de todo aquelle oiros e de todo aquelle azul, no enquadramento incomparavel da nossa natureza meridional.

Para onde? Sim, para onde iriamos nós, naquelle começo de tarde, pelo socego desse Domingo suggestivo e glorioso?

Para a sombra? Para a ventura donsoladora da sombra em algum trecho esquecido e quieto dessa Tijuca ideal? Ou para a largueza panorâmica dessas alvas praias de Copacabana, com todo o seu Mar immenso, de ondas voluptuosas, com toda a interminavel distancia dos seus horizontes?

Podíamos ir sem destino, ao acaso, para aqui, ou para alli; e para onde fossemos, teríamos sempre o consolo da contemplação, o dominio suggestivo desse Domingo sadio. E partimos os tres, eu, Cezar e Helio, este pequeno companheiro das minhas Alegrias e da minha Vida, uma trindade folgazã e disposta apenas a ver, ou melhor, a sentir toda a bondade dessa luz, toda a belleza desse azul de que se pintara aquelle Céu tão lindo.

E aos tres, de subito, veio a idéa dos automoveis, que Helio reclamava insistente e Cezar aceitava compassivo.

Não era mal lembrado. Um automovel nos levaria, rapido, á observação flagrante de quasi toda a linda cidade carioca, na sua vida especial dos domingos e dos arrabaldes. E lá fomos os tres.

—Para onde?—indagou sollicito o *«chauffeur»*, que tinha na voz e na cabelleira denuncias mellifluas de poeta lyrico.

—Para o Paraiso.—trovejou Cezar atirando-se ás almofadas macias da *carroserie*.

E por uma intuição esthetica desse extraordinario *«chauffeur»* sentimental, rodámos nós, suavemente, sem exageros sportivos de velocidade, para esse encanto de jardim, que é hoje a antiga Praia de Botafogo.

Pelo percurso, veio surgindo o carrancismo indomavel das minhas recordações, no

velhos resmungo de despeito e nas suas eternas interrogações exquisitas.

—Que era isto aqui?—A classica, a elegante Praia de Botafogo, com a seu cheiro nauseante de algas a apodrecer, com a sua escassa luz de gaz e os seus interminaveis idyllios, gosados á beira da muralha envelhecida, com a circumspecção institucional do seu velho casario burguez, que ainda haje resiste aos impetos da Civilisação.

Cezar, amuado, silencioso e contemplativo, embebia-se na veneração de todo aquelle azul, de toda aquelle claridade triumphal.

Helio ria, mais do goso, da ventura, para elle, excelsa, de se ver na delicia de um automovel, do que mesmo da belleza do passeio.

Entrámos pela Avenida de Ligação, aquelle lindo trecho arborizado, que é como que o preparo esthetico para aquelles que demandam Botafogo.

—Santo Deus!— Que seria isto aqui? Tão bello agóra, tão largo, enfeiado apenas por esses fundos de casas antigas, propriedades ricas de senhores de máo gosto?

Cezar buscava auxiliar as minhas pobres evocações, para a reconstrução dos trechos percorridos.

Agora era a Avenida á Beira Mar, ampla, larga e longa.

—Vês aquella casa de alpendre, com a sua doce feição roceira? Era um antigo solar de gentes ricas, que á tarde quedavam-se á varanda ouvindo o Mar que, humilde e lastimoso, lhes vinha cantar á porta a lamuria sentimental das vazantes, ou roncar o pavor dos temporaes e das ressacas. Hoje, tem o aspecto de uma velha casa provinciana, quieta e simples, como se estivesse a sentir saudades.

Alli, era o *High-Life*, a decantada casa de banhos e... namôros. Por aqui por onde passamos, corria a corda salvadora dos imprudentes e dos aprendizes do exercicio salutar de natação. Lembras-te?

Depois era o Flamengo, a mais linda das nossas Praias centraes e, para mim, o trecho mais triste da cidade. Se foi alli que nasceram as minhas primeiras saudades...

O Russell, a Lapa, o caes da Lapa, ponto obrigado das observações populares para as cousas do Mar, desde a agitação das revoltas militares, até a entrada de transatlanticos novos e de personagens illustres.

Por fim era o lendario terraço do Passeio, abrindo agora para a Avenida por largas escadarias de marmores brancos.

E eu senti—porque não confessar— uma rapida saudade deliciosa daquelle modesto

terraço primitivo, dando para o Céu e para o Mar. Não era mais a Tradição que me fallava, era a propria Saudade carioca.

No seguimento rapido do «auto» fomos passando por todas essas recordações da antiga Cidade, que a mão vigorosa do Prefeito Passos, este moço de setenta annos, transformara, na rapidez espantosa de um quadriennio de glorias e patriotismo, na mais encantadora, na mais deliciosa das Avenidas.

Chegavamos, por fim, á Avenida Central, cheia da movimentação domingueira de um povo alegre e que se sente bem.

Apinhandas as «terrasses», dos cafés modernos, do «Jeremias» ao «Castellões», de uma gente que gosava o dia na ventura, até então quasi impossivel para nós Cariocas, de uma rua larga, ampla, bem construida e bem calçada.

O automovel «fon-fonava» no encruzamento das ruas, ás voltas das esquinas, levando-nos á contemplação desta linda Cidade moderna, arrancada ao labyrintho tortuoso de ruas estreitas e incommodas e toda essa velharia secular e immunda que era a nossa abandonada terra carioca.

Por cima de tudo isto, a gloria de um Céu azul e de um Sol de oiro, Céu que é, talvez, o mais lindo do mundo, Sol, que é, talvez, o mais forte da Vida. Cezar, recitava, á meia voz, versos claros, de poetas nossos, inspirados quem sabe, por um dia assim, emquanto o «auto» e o Helio, «fon-fonavam» avisando incautos, de passo tardo, que cruzavam as ruas, na folga dos passeios domingueiros.

Novos aspectos, novas impressões surgiam e creio mesmo que gente nova corria a Cidade, na comodidade elegante dos fiacres e das charretes, na rapidez dos automoveis. Havia um movimento desusado e alegre, de gente despreocupada; e os funcionarios que fomos encontrando, os proprios commerciantes abastados, já vestiam a alegria das roupas claras e dos chapéos leves, de palha branca.

—Nem uma sobrecasaca até agora— notou ajuizadamente Cezar a observar os que passavam. —E' incrivel. Já não duvido de mais nada na Vida.—

Para remate glorioso desse passeio lindo, a esthetica inesperada do nosso amavel «*chauffeur*», foi nos conduzindo para os lados oppositos da cidade, onde ficava outr'ora a velha *Cidade Nova* e para onde havia corrido tambem o sangue novo da Civilisação. A' Avenida Floriano, limpa e arejada agora, á Estrada de Ferro, com o seu novo calçamento, e por fim, á Avenida do Mangue e á das Obras do Porto.

Era uma novidade para nós aquillo, e quando entramos pela arcaria sumptuosa dessa elegante fila de palmeiras que margina o detestavel canal, foi de surpresa, foi de espanto, foi de admiração o nosso primeiro movimento. Que cousa linda!

O automovel deslizava suave pelo macadan novo da Rua, que as palmeiras, essas elegantes arvores senhoris, ensombravam de uma sombra leve e consoladora. Que cousa linda! Aos lados surgiam as velhas casas detestaveis, enfeitando o local, salientando-se, como uma enorme mancha amarella, a decrepita fabrica do gaz, a rotunda da Praça de Touros, de onde partiam gritos alegres dos «aficionados».

E era mesmo um domingo para Sol e Touros, para a graça estonteante da mulher hespanhola, de rosa rubra no temporal negro da cabelleira basta.

Viva la gracia!

Quando voltámos, pelos fins daquella tarde gloriosa, já nos primeiros tons de um crepusculo loiro, Helio tinha nos olhos a alegria daquelle dia claro e ás interrogações curiosas que lhe faziamos, respondia orgulhoso:

Fui de automovel! Fui de automovel ás Avenidas. Era a expressão exacta do justo orgulho do carioca de agora.

E na transmissão alegre das nossas impressões daquelle dia, não podiamos esquecer a extraordinaria intuição esthetica desse «*chauffeur*» — poeta lyrico, a quem entregamos o rumo da nossa viagem.

—Salve! Honesto Peladan dos automoveis! Salve!

MARIO PEDERNEIRAS

Dezembro, 1906.



Os Altos Pyreneus

Pierrefitte - Cauterets - O lago de Gaube

A região do Béarn, com as suas montanhas, as suas quedas d'água, as suas planícies muito verdes, tem qualquer coisa de virgem e de fecundo ao mesmo tempo, como si, em vez de sêr uma terra pisada pelas populações de tantos seculos, fôsse um pedaço da natureza americana, eternamente jovem, eternamente formosa. Entre Lourdes e Pierrefitte, os Pyreneus se aproximam como gi-

Gassion, vistas atravez da transparencia da luz que ao mesmo tempo aproxima e retrae, essas montanhas são como a paizagem de um mundo inabordable, uma d'essas miragens que se fórmam no oceano, entre dois continentes, — um sonho, um desejo, uma chimera. Entretanto o trem corria, penetrava no amago da serra como quem entra num labyrintho. As montanhas andavam, corriam, saltavam: uma que estava ao lado direito, rodava e se punha em frente á machina, detendo a marcha; mas o trem fazia uma curva, galgava uma ponte, entrava num valle; e outras montanhas vinham, como icebergs deslisando nas regiões polares, fechavam inteiramente o horizonte, faziam um circulo onde os macissos de arvores eram como os élos da corrente, e em breve começava uma ronda fantastica, saltando, dançando, girando em redor do comboio.

Passado o lindo valle de Lavedan e Argelès-Gazost, cercado de montanhas e prados verdes, o trem parou em Pierrefitte, uma deliciosa aldeia de setecentos habitantes, situada á entrada dos valles de Cauterets e de Luy.

A viagem para Cauterets é feita num bonde electrico, em menos de uma hora. Bordan-do precipícios, atravessando estradas seguras, contornando penhascos, essa excursão na montanha lembra ás vezes o trajecto do Rio a S. Paulo, outras vezes a subida da serra



gantes de uma floresta encantada, e parece que avançam para o trem que, humilde e pequenino, foge como uma cobra assustada. As altas pedras de granito nú, ora coroadas de nuvens, ora toucadas de neve, tomam, como as nuvens de crepusculo, as mais extravagantes fórmas, e sôbem ao céu como baionetas, apparentam caras humanas, torcem-se como Nemrod no Inferno, e no remate das grimpas, duas immensas lascas, quasi soltas do corpo do rochedo, são como duas azas de aguia preparando o vôo para o infinito, muito além do que os olhos alcançam, muito aquem de onde vae o espirito. Vistas de Pau, do boulevard des Pyrénées ou do terraço do Hotel

de Petropolis. Como o bonde avança devagar, descrevendo curvas languidas de ss repetidos, galgando as alturas com precaução e respeito, como que pedindo licença, as montanhas perdem o seu ar aggressivo de gigantes loucos, e começam a parecer bons e hospitaleiros amigos. Longas fitas d'água deslisam das pedras humidas e escuras, como lagrimas que descem da face rugosa de uma ancian. As cachoeiras saltam, espadanam, rebramem como furores marciaes de orchestra. De repente as montanhas se afastam, abre-se um claro espaço, surge a planicie verde; gordos cavallos pastam, nedios bois ruminam; e enquanto o bonde passa, uns e outros levantam a cabeça,

o boi tranquillamente babando, o cavallo altivo sacodindo a cauda. Por vezes, as estradas de rodagem, muito brancas entre a verdura, como batidas de luar, collêam sinuosas, estendem-se como fitas; e um automovel passa, levantando poeira, cheio de gente ridiculamente vestida. De novo as montanhas se aproximam, apertam o cêrco; e as duplas filas de arvores agitando a cimeira verde, são como escravas nubias baloiçando os leques á passagem de um prestito real. De subito uma rampa forte que o bonde desce á marcha contida. Que impressão singular desperta sempre esse facto banal de ter de descer quando se sóbe e ter de subir quando se galga ou baixa uma montanha! No primeiro caso parece que as subidas servem apenas para precipitar as quedas; no segundo que nunca mais os pés escravos pisarão terreno firme, que hão de eternamente andar beirando precipicios. Felizmente outra vez o bonde recomeçou a subir um trecho mais íngreme do caminho e que era o fim da jornada.



Cauterets! Um ar fresco e sadio enchia o espaço com as suas azas brancas, e entrava deliciosamente pelos olhos, pela bocca, pelos pulmões como a embriaguez de perfumes sensuaes e sadios, de essencias exóticas que passam através dos sentidos como claridades lacteas de luar através dos dedos abertos. Era o ar subtil das montanhas, esse ar indefinivel que tem alma e que vibra, que abre o appetite sem que se tenha fome, que dá vontade de correr e de cantar, que descobre paizagens de sonhos, que insinúa o prazer de prazeres que não existem, que desperta uma actividade creadora e acalenta uma indolencia voluptuosa, que faz o espirito borboletear como o offuscante reflexo de um espelho entre folhas verdes de arvores, esse ar incomparavel que sae da seiva dos bosques e dos prados, que invade e vivifica,—e que ao sêr respirado parece que, por um momento, torna a gente immortal.

Cauterets é uma aldeia de pastores, dôce e aprasivel burgo, encravado entre montanhas tão altas que lhe fórmam a cupola de um berço. Os seus mil e oitocentos habitantes tangem os mansos rebanhos de cabras, fazem feira aos domingos na *Esplanade des œufs*, em frente ao Casino ou no Parque, entre as sombrias aléas perfumadas de flôres, retiro tão dôce á Rainha de Navarra. Oh! a vida serena de Cauterets, respirando um ar que se sabe sadio, encontrando uma gente que se sabe sincera! Cesar, cansado de Roma, ia descansar em Cauterets; e Rabelais, o Pae do Espi-

rito, ia tambem á sombra das suas montanhas refazer a larga provisão das gargalhadas homericas. No verão, porém, Cauterets perde a sua simplicidade nativa: doze fontes termas estão abertas, e vinte e dois grandes hotéis recebem os estrangeiros de toda a parte do mundo; e os casinos faiscam de luz, entre o esplendor dos decotes e a severidade das casacas. Surge Setembro; as grimpas das montanhas embranquecem, e desce até o valle um ar gelado; os doentes e os *snobs* partem bem depressa para as suavidades de Pau, de Nice, do Cairo,— e Cauterets começa a sêr delicioso. Aos domingos, na branca ermida de S. João, os pastores vão ouvir a missa, recolhidos e silenciosos, deixando pender do braço, presa por uma correia, a sua terrivel bengala dos Pyreneus; depois, na praça do *Hotel de Ville* conversam e riem, sem preocupações ou mãos pensamentos. O pequeno burgo não tem mais que duas ruas, alinhadas e com placas; tudo mais são campos, praças desalinhas, escarpas, encostas, estradas conduzindo á montanha. Por um desses macios caminhos um carro sóbe até a Ponte de Hespanha. Para essa jornada de duas horas ha tres adjectivos: *pittoresco, poetico, maravilhoso*; qualquer d'elles definiria, qualquer d'elles abrangeria o conjuncto; mas a Imprensa e a mania da adjectivação profanaram essas tres designações da paizagem, do rythmo, do esplendor. Como dizer que essas curvas de montanha, bordadas de enormes pinheiros, refrescadas de cascatas resoantes são *pittorescas*, si o noticiarista já disse que a casa de campo do commendador X., com a relva muito cortada desenhando uma corôa e duas iniciaes, e a sala cheia de bonecos *art nouveau*, é pittoresca? Como dizer que certos recantos da floresta, ensombrados e mysteriosos, são poeticos, si o poeta das «horas vagas» já disse em quatorze versos que é *poetica* a maneira com que a sua namorada segura o leque? E como dizer que a impressão de tudo isto é maravilhosa, si os Mecenases dos medicos sem clinica declaram pelos «a pedidos» que a panacéa tal para o estomago, —é *maravilhosa*? Para satisfazer, pois, ao commendador, á namorada e ao pharmaceutico, os Pyreneus ficam sem adjectivo.

A larga estrada de rodagem que contorna a montanha, como uma serpente que se abraça a um corpo, é bordada de um lado e outro por grandes estabelecimentos thermaes. Mas o carro avança, penetrando na montanha, e vão desaparecendo as habitações, tudo se torna agreste, colossal e indomavel. As cimeiras, soltas ao vento, têm um sussurrar mais nobre de independencia altiva; e as pedras como que se movem e caminham para desabar e esmagar. De um grupo de pedras

surge, como uma lança, o pico de Peyralands, extremamente parecido com o Corcovado, visto de Botafogo. Olhando para traz, para o immenso declive da montanha, atravez de uma aberta, os olhos abrangem Cauterets, e longe como a miragem, os valles que cercam Pierrefitte. De que fórmas estranhas se revestem os Pyreneus! A's vezes verdes, seivosos, ubertosos, lembram paizagens da Serra dos Orgãos; outras vezes nús, selvagens, aggressivos, são como os rochedos brutos que cercam o Quixadá; ha equilíbrios formidaveis e increiveis de pedra sobre pedra; e ha transparencias de selvas em que o olhar mergulha e se perde. Começa a chegar aos ouvidos um ruido longinquo de trovão que foge; depois uma nevoa envolve a folhagem das arvores, e um orvalho adeja no ar. E' a cascata de

car-se a um tombo mortal, para jogar um instante a vida, tem-se que pagar quinze centimos por pessoa! No fresco valle de Marcaon, o cocheiro mostra a ilha de Sarah Bernhardt.

— De Sarah Bernhardt, porquê?

— Porque quando ella vem passar o verão em Cauterets, costuma fazer merendas ali, com muita gente.

— Oh! a fantastica Sarah! A sua ilha só merece a definição geographica no inverno, quando o rio corre, e abre os braços cercandoo a pequenina nesga de terra. No verão o leito do rio só tem seixos; e é no estio que o «Aiglou» faz as suas festas insulares. Talvez Sarah defina assim uma ilha:— um pouquinho de terra, com meia duzia d'arvores, cercado de pedra por todos lados.

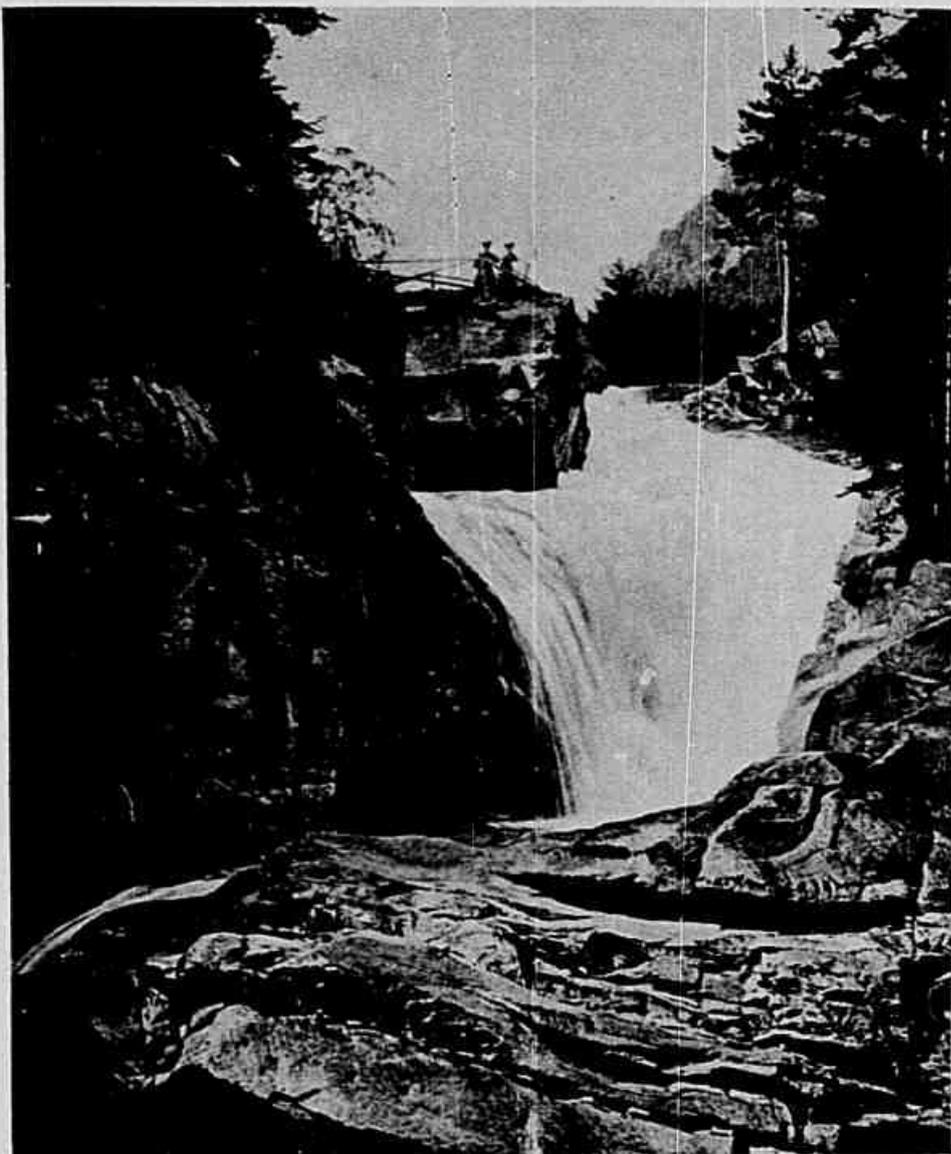
Depois da «Ilha», surge, descendo de uma altura immensa, a cascata de Boussy,— como uma lingua de prata derretida. O carro se detem na ponte de Hespanha que lembra vagamente a atrevida ponte Napoleão, tambem nos Pyreneos, em St. Sauveur. São dois kilometros a pé, subindo a montanha, para ir ao lago de Gaube, a mil seiscentos e oitenta e quatro metros sobre o nivel do mar. A' proporção que se vae subindo, vae por sua vez a fantasia imaginando o lago. Deve ser um immenso volume d'agua, n'uma enorme extensão, quasi a perder de vista; e em redor as montanhas fazem uma inexpugnavel muralha. Meia hora de marcha; já o lago é maior, mais amplo, mais profundo. Uma hora subindo barrancos, saltando riachos, afastando os ramos: as aguas do lago vão crescendo e se estendendo por todo o planalto dos Pyreneus. Duas horas: o céu está mais alto, os caminhos mais difficeis,— o lago de Gaube cobre toda a França. Adeante dos olhos reluz um pequeno espelho d'agua, dentro da sua moldura de rochedos. Passa um caminheiro:

— Faz favor; o lago de Gaube ainda está muito longe?

O homem olha admirado, e aponta:

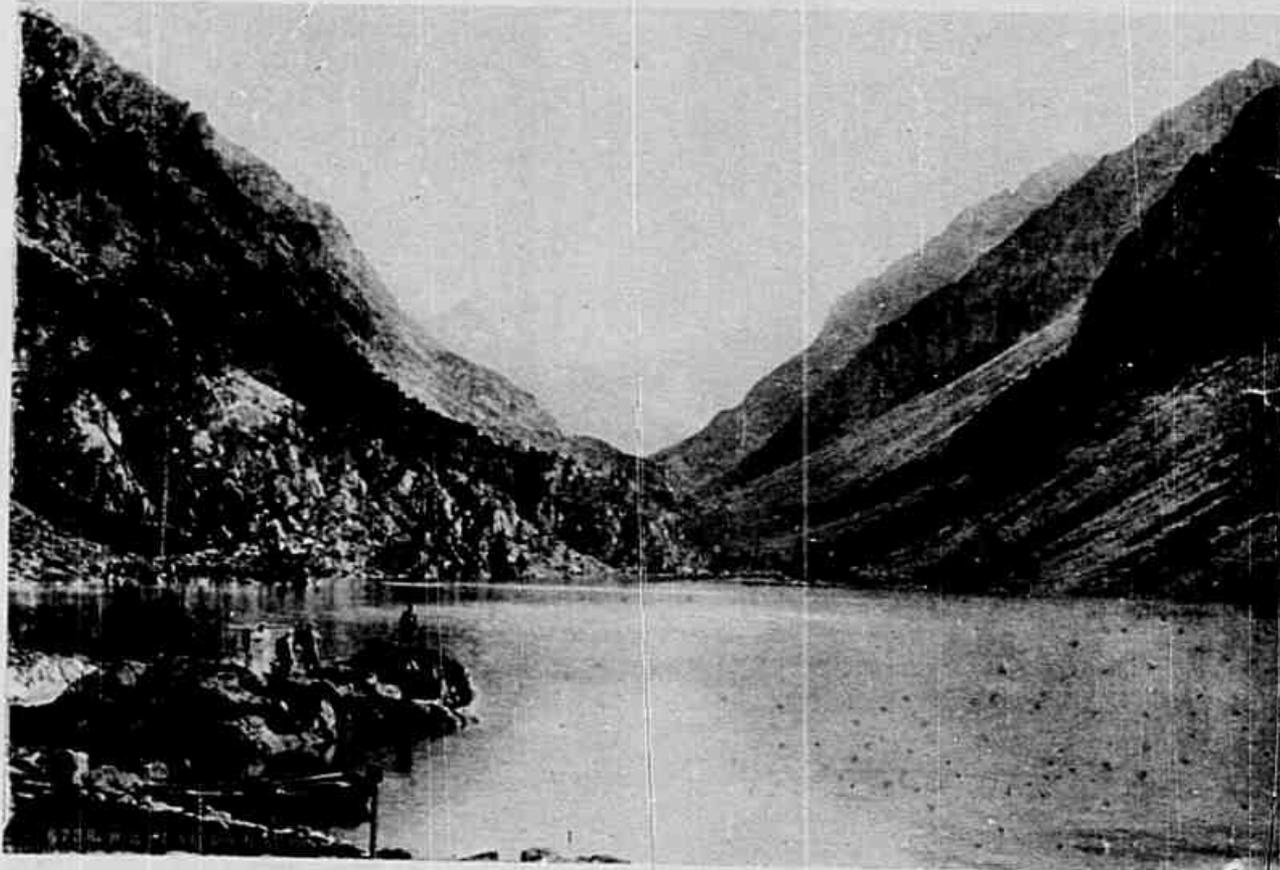
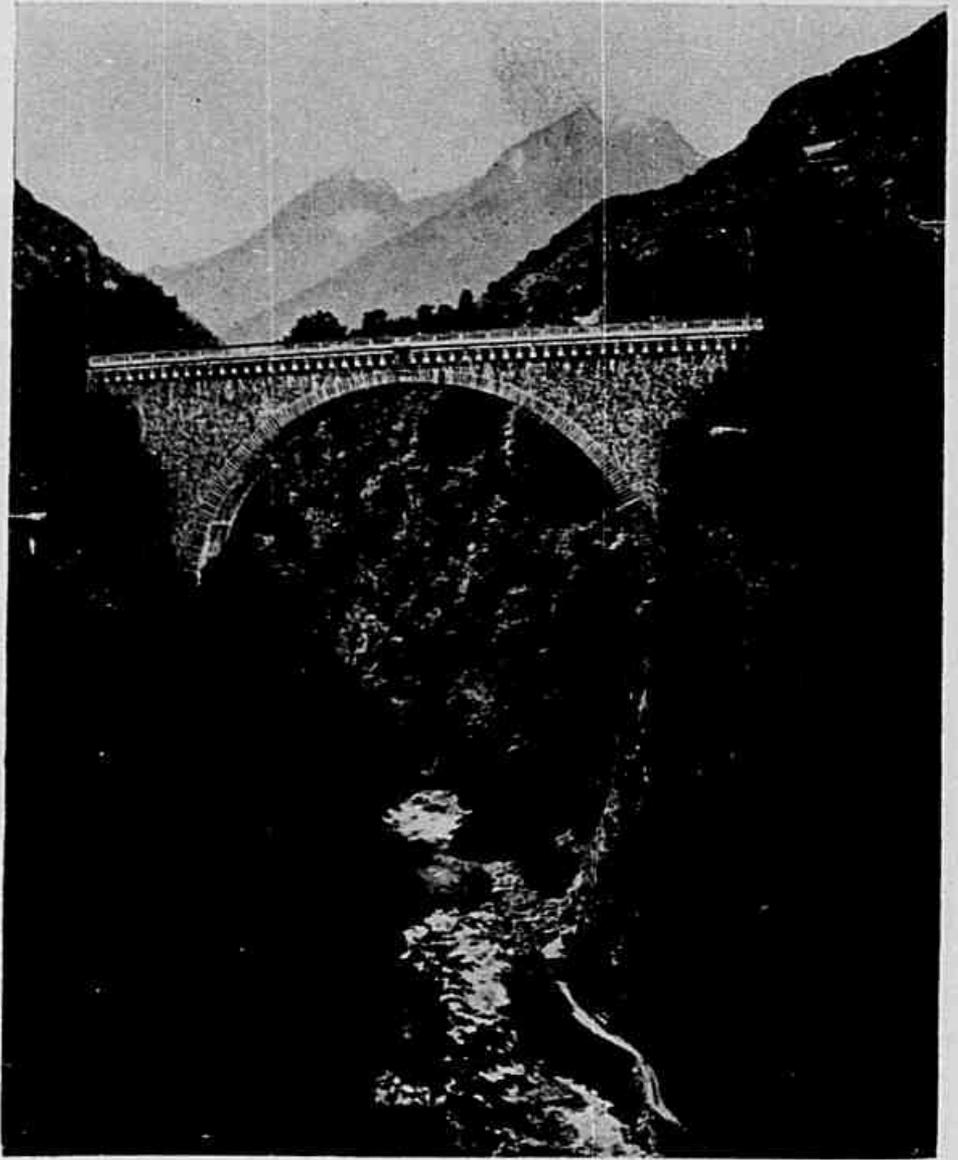
— Mas é aqui, o lago de Gaube.

Era alli o lago de Gaube! Era aquelle pequenino açude, liso, tranquillo, azul, immovel! Ao fundo, n'uma decoração sumptuosa de montanhas, appareciam as geleiras eternas. E o curto espelho d'agua lembra a bacia de rosto de uma princeza da Fabula, sustentada por mãos colossaes de gigantes. Dois botes



Cerisey que assombra os excursionistas, mas que no Brasil seria apenas uma modesta queda d'agua. Uma ponte rustica, presa á uma pedra solta sobre a cachoeira, liga-a á estrada. E' um perigo collocar-se a gente nessa garganta que póde escorregar: as pedras não previnem quando se deslocam... E para arris-

muito feios oscillavam na agua de um azul transparente. Já era uma compensação; ao menos podia a gente dar uma volta ao lago... Mas um pequeno cabo avança, e chama a atenção por um gradil de ferro em feitio de sepultura. Os passos ainda leves galgam a pedra escorregadia; os olhos ainda ligeiros começam a lêr a inscrição: — «A' la mémoire de William Henry Pattison...» Era uma lapide funeraria indicando que no dia 20 de Setembro de 1832, dois Inglezes, casados de um mez, se afogaram no lago; elle tinha trinta e um annos, ella vinte e seis. E de repente o lago pareceu sombrio; as montanhas eram como as penedias do Inferno, cercando o Styge; e os barcos feios serviam para Charonte passar as almas. Oh! não, nunca remar em semelhante lago! Os lagos são encantados, mysteriosos. A quasi dois mil metros acima do nivel do mar, do mar perigoso mas leal, que fundos traiçoeiros haveria, que dóllos perfidos de genios perversos? 1832, o anno em que morreram os jovens esposos, é tambem o anno em que Walter Scott desapareceu da terra... Não, não! Nunca viajar em semelhante lago! — E as suas aguas, quietas, tristes, transparentes, afogando a sombra das montanhas, tinham a apparencia sinistra da cobra que attrae ao passaro... — Como é grande, como é immenso o Lago de Gaube!...



Madrid, Dezembro, 1906.

Um Estudioso Pernambucano

O SR. ALFREDO DE CARVALHO

ENTRE as dezenas de literatos, principalmente poetas contadores, romancistas e fantasistas, que na vida obscura, apagada e mofina da provincia brasileira luctam bravamente contra a mesquinhez e indifferença do meio, imitam ou simplesmente macaqueiam o Rio de Janeiro, que para elles continua a ser a «Côrte» das suas ambições de um mais vasto campo para o desenvolvimento e manifestação do seu genio, e cujos habitos e até defeitos, ridiculos e miserias copiam, não é felizmente raro surja de vez em quando algum espirito de melhor quilate, menos provinciano de indole, mais capaz, mais largo, que force outras attenções que as da sua terra, e ultrapasse merecidamente as raias della.

Não ha nestes conceitos e nesta verificação nenhum despreço pela vida espiritual provinciana, despreço que sobre ser impertinente em quem della deriva, não seria intelligente pois, no Brazil, como em toda a parte, a vida espiritual, que em todo paiz se accumula na sua capital, resulta do concurso dos provincianos que para ella concorrem. Assim em França com Paris, na Inglaterra com Londres, na propria Allemanha, com sacrificio do seu antigo particularismo, com Berlim, e alhures. No Brazil verifica-se o mesmo facto, que tem uma explicação simples, ao alcance da apreciação de todos, na comparação entre a população do Rio de Janeiro sua capital e a do resto do paiz. Nada mais natural, pois, do que serem em maioria provincianos os que fazem na capital a vida intellectual do paiz, e até os que ahí triumpham. Geralmente estes são já um producto de selecção, os que tiveram energias e aptidões para se desarraigarem do torrão natal, se desenredarem das peias locais e se abrirem um lugar na procição da Minerva fluminense. E si alguns, embora vencedores, ficaram sempre provincianos, no que o provincianismo tem de mais estreito, de mais acanhado, de mais canhestro e desageitado, e não perderam nunca a desconfiança de matutos e a sua parvoinha ogeriza á Capital, o maior numero se affeiçoa plenamente a ella e á civilização e cultura de que ella é a eminente representante brasileira.

Daquelles homens de letras a que me referi, que por mais capazes foram outras attenções que as da sua terra e merecidamente lhes ultrapassam as raias, é um, e dos

melhores, o Sr. Alfredo de Carvalho. Pernambuco donde é, como S. Paulo ou Bahia, não estão, do ponto de vista da vida espiritual brasileira, na mesma situação de outros estados que, por motivos obvios, uns puramente geographicos, outros historicos e outros moraes, se acham mais afastados do fóco dessa vida, que é indubitavelmente o Rio. Razões historicas, como um forte sentimento de orgulho local criado pelo denodo com que em colonia luctaram contra os hollandezes, e desenvolvido nos conflictos da sua aristocracia territorial com os tratantes forasteiros e com elementos locais ou convizinhos, presumçoso dos seus feitos, de valia acaso exagerada, nas luctas da independencia e revoluções republicanas, brigas de classes, de opiniões, de supremacia, que redurdariam na importancia politica dessa parte do paiz e sua preponderancia no Norte, razões ás quaes cumpre juntar a posse de uma faculdade superior, ao mesmo tempo centro de atração e de dispersão de trabalho espiritual, de idéas, de actividade intellectual, explicam a parte de Pernambuco em a nossa vida espiritual, e que essa provincia tenha tão insignificante contribuido para o relativo brilho que ella tem aqui nesta capital.

Não ha muito eu dizia aqui mesmo de um escriptor pernambucano que está no primeiro plano dos nossos ensaistas, o Sr. Arthur Orlando. (1) Tenho a satisfação hoje de escrever de outro, o Sr. Alfredo de Carvalho. Nenhum delles é dos muitissimos faceis poetas ou novellistas que as aguas do Beberibe, rivalizando com as de Hippocrene, suscitam ali em medonha copia. Nem um delles cultiva a literatura amena e ligeira (dá-me vontade de chamar-lhe á matuta de leviana) que é o encanto das moças e dos noticiaristas. Ambos são dous homens de letras serias, difficeis, consideraveis.

O Sr. Arthur Orlando é, a falta de melhor termo, um philosopho, um pensador, preocupado de problemas graves de philosophia, de sociologia ou de literatura no que esta entende com as locubrações ou assumptos daquellas. O Sr. Alfredo de Carvalho, seu patricio, companheiro e amigo, é essencialmente um erudito, occupado da historia nacional, particularmente da de sua terra. E' o que eu chamaria um brazileirista, si não tivesse medo de que o termo pegasse. E já ha tanto denominativo escusado, improprio e feio. . .

A sua terra, porem, elle a estuda e inquire della sob todos os seus aspectos, a sua his-

(1) Veja *Kósmos* de Abril de 1906.

toria, a sua geographia, as suas letras, os seus homens notaveis, a sua vida espirital, a sua chronica, a sua paizagem. Desta tem elle nestes seus *Estudos pernambucanos* um interessante estudo.

Sendo um dos raros brasileiros que sabe o hollandez, o Sr. Alfredo de Carvalho deu-se particularmente ao estudo do periodo hollandez da historia do Brasil, e a sua contribuição para o conhecimento d'elle já é avultado e estimavel. Dessa parte da sua actividade devem-lhe os estudos da historia nacional as traducções annotadas do *Diario de um soldado da companhia das Indias Occidentaes* por Ambrosio Richshofer (Recife, 1897). *Olinda conquistada* pelo padre João Baers (Recife 1898). *Diario da Expedição de Mathias Beck ao Ceará* (Fortaleza, 1903), a primeira traduzida do allemão, as outras do hollandez, além de varios escriptos sobre assumptos daquelle periodo exparsamente publicados, principalmente na *Revista do Instituto Geographico e Archeologico pernambucano*.

Não obstante o seu quasi meio seculo de existencia não ingloria, antes digna e laboriosa, esta associação literaria pernambucana está longe de ter o renome que merece e apenas alguns estudiosos das cousas brasileiras a conhecem e apreciam. Não é por ventura exagerado dizer que o Sr. Alfredo de Carvalho é hoje a alma desse Instituto, cuja revista contem sempre trabalhos seus, todos meritorios. No seu ultimo tomo publicado, o XI, contendo os ns. 61 a 64, são não menos de sete os artigos por elle firmados, além da interessante bibliographia, e de traducções e annotações de escriptos estrangeiros, como as curiosissimas *Notas dominicaes* de L. F. Tallenare. Versam aquelles artigos sobre *Os brazões d'armas do Brazil hollandez*, *A viagem brazilica de Lorenz Simon, Racine e o Brazil*, *Os motins de fevereiro de 1823*, *Da introdução da imprensa em Pernambuco pelos hollandezes*, *Charles Watterton em Pernambuco*, *A saudação lacrimosa dos indios e Minas de Ouro e prata no Brazil Oriental*.

Desses escriptos esparsos da *Revista do Instituto Pernambucano*, e de outras publicações ainda mais ephemerias e obscuras, começou o Sr. Alfredo de Carvalho a reunir em livro os que mais particularmente se referem ao seu estado natal, sob o titulo de *Estudos pernambucanos* cujo primeiro volume, ao qual se seguirão certamente outros, acaba de vir á luz.

O Sr. Alfredo de Carvalho parece-me infelizmente preferir na historia a chronica, o pitoresco, o romanesco, a anedocta, aos grandes quadros. Não o louvo por isso. Si essa

porção da historia, ou esse aspecto della, pode ter, e sem duvida tem, o seu interesse e muitas vezes nos faz comprehender melhor a grande historia e lhe illumina os vastos painéis de uma luz nova não obstante a sua modestia, as mais das vezes não passa das curiosidades cujo interesse, ainda quando não de todo somenos, é secundario. Eu preferia que o Sr. Alfredo de Carvalho aproveitasse melhor os seus dotes naturaes de estudioso da historia patria e as capacidades que para esse estudo tem, em assumptos de maior importancia do que são por via de regra os da maioria destes seus estudos. *Minas de ouro e prata* um delles, entra nesta categoria e é uma relevante contribuição para o conhecimento das «explorações hollandezas no seculo XII» mas podia-se, sem impertinencia, exigir mais desenvolvimento e mais profundeza de investigação num assumpto apenas deflorado. Si este e outros estudados pelo Sr. Alfredo de Carvalho tem um interesse geral que lhes augmenta a importancia, ou lhes dá toda a que possam ter, a maior parte daquelles de que se occupa apenas interessam a historia ou antes a chronica local. Não me parecem despresiveis essa historia ou essa chronica, mas para que nos possamos interessar por ellas e estimal-as, e portanto ler-lhe com aprazimento as locubrações, nós que não pertencemos á região nem a ella estamos ligados por laços particulares, cumpre que possamos achar nellas um interesse geral, relativo á historia do paiz, contribuindo para illustral-a e alumial-o de novas luzes. E' só com esta condição que o estudo da nossa historia regional nos parecerá util e importante. Pelo menos é só quando ella preenche esta condição que nos podemos nós brasileiros de outras regiões nos interessar por ella. E fio bastante no bom juizo do Sr. Alfredo de Carvalho para não duvidar de que elle proprio estará commigo neste parecer.

Não é que eu desadore o que chamei a pequena historia, a chronica romanesca ou anedoctica, como o curioso episodio da *Tragedia de Nyenburg*, que lança uma certa luz sobre a sociedade das capitaes nortistas para o fim do seculo XVIII, ou as noticias do *Jornalismo literario em Pernambuco* ou da estada de Castro Alves nessa provincia. Comquanto insignificantes em si mesmos, os factos noticiados não são de todo inuteis para avaliarmos do estado espirital do meio em que se passaram, e o artigo sobre Castro Alves corrige algumas inexactidões da biographia corrente do poeta. O Sr. Alfredo de Carvalho é hoje porventura o brasileiro que melhor conhece a historia da imprensa no Brazil, e aquelle seu estudo sobre a imprensa literaria

pernambucana é mais uma excelente contribuição para essa historia.

Como nota muito bem o Sr. Alfredo de Carvalho, a «integração de Pernambuco no corpo político do imperio brasileiro foi um lento processo, constituindo uma das phases mais agitadas e menos estudadas do passado nacional». Um dos incidentes desse processo foram os motins de fevereiro de 1823. Um dos melhores, acaso o melhor, capitulo do livro do estudioso pernambucano é o que lhe é consagrado. Os motins políticos, e não revoluções, que mais ou menos em todas as provincias rebentaram no Brazil immediatamente antes ou logo após a independencia e que duraram até 1848, são acontecimentos que não tem outra importancia que a de signaes dos tempos. Não teve nenhum delles, nem ideal, nem propositos que de facto se possam chamar politicos, e, ao cabo seus chefes não passaram de vulgares desordeiros, a quem mais tarde a lenda, facil de nascer nos meios incul-tos em que agiram, e o romantismo politico deviam transformar em sympaticos revolucionarios, em republicas talhadas pelos moldes de Catão, em heróes, em martyres. A historia estudada com menos preconceitos politicos e regionaes, com menos bairrismo (que é o percalço da historia provinciana) mostrará afinal que nada disto foram: e que nos melhores ou maiores, ainda num Pedro Ivo ou em um Nunes Machado, não ha de facto elemento algum para commover-nos com motivo. E aliás commoveram já alguns poetas...

Esta opinião a confirma, quanto ao motim de fevereiro de 1823, o estudo do Sr. Alfredo de Carvalho, e tanto mais frisa o seu interessante ensaio com ella que o autor reconta os inteiramente despreocupado de tirar delles nenhuma conclusão, e sem o menor pensamento de generalização. Mas não sem, com intelligencia e criterio, lhes indagar as causas e apreciar a sequencia e os effeitos. Mostrando como não obstante as variações apparentes, o fundo do quadro daquellas epocas agitadas permanecia o mesmo, «o spectaculo lastimoso de um povo, na aurora da sua existencia autonoma dividido pela cubica dos facciosos, brutalizado pelo militarismo, ameaçado por vezes da explosão da luta de raças, flagellado pelos horrores da anarchia, debatendo-se, emfim, no torvellinho de convulsões diarias...» o Sr. Alfredo de Carvalho assim substancia os motivos desses acontecimentos:

«No amago dos eventos a observação descortina em permanente conflicto os impulsos centrifugos do vivacissimo espirito provincial, vagamente inclinado ao federalismo, porem ainda mais sofrego da soberania local, e a

acção opposta do sentimento nacional, exigindo o congraçamento dos interesses brasileiros para conquista da independencia sem quebra da integridade politica e territorial; contrariando ambas estas tendencias, mas sem poder para acaçal-as, apparecem, complicando o poblema, os esforços da metropole para manter o reino unido. Do choque desses diversos elementos, tão fundamente antagonicos, nasceram as divisões intestinas que imprimiram a éra da nossa emancipação o seu caracter tremultuario».

Bem visto e bem dito, como é bem vista e bem dita a ridiculez dos motins, que historia, dos fins de fevereiro de 1823.

Os successos posteriores á proclamação da Republica, os motins e alvoroços que, embora com menos intensidade que os que se seguiram á da Independencia, lhe acompanharam até hoje o advento, habilitam-nos a comprehender melhor os acontecimentos e os homens daquelle tempo, dos quaes alguns se parecem singularmente com os que assistimos ou conhecemos agora. A principal personagem, da parte dos amotinados do alvoroço pernambucano de fevereiro de 1823, é um typo vulgarissimo nas revoluções brasileiras, quasi se poderia dizer um prototypo, tanto se repete, com suas feições e caracteres essenciaes em todas ellas, desde as do periodo colonial. E' o capitão de artilharia Pedro da Silva Pedrosa. No Brazil os revolucionarios chefes foram sempre militares ou padres—isto é individuos profissionalmente mais obrigados pela disciplina. Militar soffrivelmente instruido para o tempo, frequentador dos clubs maçonicos e das sociedades literarias do Cabo e do Paraiso, mulato e nativista exaltado—é como nos descreve o Sr. Alfredo de Carvalho o seu heróe, Pedro da Silva Pedrosa. No mais «alto e bem apessoado, tês cor de bronze, semblante energico e voluntarioso, ao qual o longo cavagnac luzidio e bastos bigodes negros davam certo cunho marcial; altivo e vaidoso da sua reputação de bravura, habitualmente de maneiras lhanas e affaveis, era porém, Pedrosa, sujeito a accessos de uma colera explosiva quando inteiramente desvairado, se deixava impellir dos maiores desatinos». A narrativa do Sr. Alfredo de Carvalho nol-o mostra ainda um impulsivo, com accessos de energia e de desfallecimento, variavel, mudavel, sem nenhuns principios politicos ou idéas assentadas, subretudo vaidoso de ser chefe. Lisongeando as peiores paixões populares por amor de se fazer parciaes entre os seus parceiros e o gosto do mando que é tanto das naturezas que para elle nasceram, como um Cesar ou um Nopoleão, como de miseraveis vaidosos como os mil

Pedrosas, que todos nós temos conhecido. Este, coitado, apenas perdeu-se e sumiu-se na obscuridade a que o lançou o estabelecimento posterior da ordem na sua terra; outros, seus pares em capacidades, meritos e malifícios, então e agora, galgaram ás cumiadas do poder e das honrarias e foram, ou são, ministros, deputados, senadores, do imperio ou da republica, governam, legiferam dirigem. E nem por isso o mundo vai peor... ou melhor.

Entre as publicações diversas do Sr. Alfredo de Carvalho relativas á nossa historia uma das mais meritorias são *As Notas dominicaes* de L. F. Tollenare, por elle traduzidas do manuscripto francez inedito e annotadas e publicadas primeiro no Tomo citado da *Revista do Instituto pernambucano* depois em volume a parte, com illustrações, e precedido de um interessante prefacio aperitivo do Sr. Oliveira Lima.

Tollenare era um negociante francez, de algumas capacidades que pelos annos de 1816, 1817 e 1818 viajou, para fins de informação e commercio, em Portugal e no Brazil, escrevendo todos os domingos notas da sua viagem e observações, cujo manuscripto existia inedito na Bibliotheca de Santa Geneveva de Paris. No Brazil, ou mais particularmente em Pernambuco, o bom francez assistiu á Revolução de 1817 e se relacionou com alguns dos seus chefes. De sorte que as suas notas são uma preciosa contribuição, um depoimento singularmente interessante de uma testemunha desinteressada por alheia á terra, desses successos.

Mas não é só a historia que formalmente interessa o Sr. Alfredo de Carvalho, sinão tudo o que de perto ou de longe se relaciona com o Brasil e particularmente com Pernambuco.

Pertencem a esta ordem da sua curiosidade literaria o seu livro *Phrases e Palavras*, no qual ha a reparar que o assumpto não seja mais largamente desenvolvido para dar a esses estudos de lexicologia historica maior interesse. Parece-me que estes estudos de «problemas historico-etymologicos» como ás questões que discute chama o autor, devem ser no seu pensamento ensaios ou materiaes para uma obra maior. E só como tal se os deve comprehender e estimar, si de facto estas meras curiosidades, em que entra por muito a phantasia, podem merecer maior estimação.

Dos escriptores pernambucanos, pernambucanos de nascimento e formação literaria (e, com esta restrição exclúo o Sr. Oliveira Lima que só o é de nascimento) o Sr. Alfredo de Carvalho é um dos raros que não é gongorico, que possui mesmo uma fórma des affectada e sobria, fórma geralmente estranha, e ao que parece antipathica aos seus compatricios literarios. E' certo que ainda de vez em quando se nos deparam nos seus escriptos coisas destas que revêem o meio: «A junta chegára ao derradeiro extremo de fraqueza e é de crer não abandonasse completamente a apparencia de autoridade, que ainda fingia manter, diante da opposição das classes pacificas e conservadoras, tementes de ver usurpal-o o desvairado caudilho, cujo absoluto dominio ominavam de inteira subversão». O Sr. Carvalho tem aliás o mau gosto deste verbo ominar, de rarissimo uso tanto que me não lembro tel-o encontrado se não nelle, que delle abusa. Mas estes defeitos são menos communs no escriptor dos *Estudos pernambucanos*, que me parece a sua obra mais trabalhada, que nos seus conterraneos. Eu não sei se elle pertence á famosa escola do Recife inventada pelo Sr. Sylvio Roméro. Não lhe encontro porem as características dessa pseudo escola. O Sr. Alfredo de Carvalho não é pedante nem pedantesco, si nem sempre é simples e natural, qual eu o preferiria, o é sempre mais do que o são geralmente os dessa pleiade. Não abusa das citações, nem dos rões de nomes com que alguns della fingem erudição, não jura só por Tobias, nem generaliza por dá cá aquella palha e em historia estuda mais do que inventa; não é hyperbolico, nem emphatico quer nas idéas, quer no estylo. Tudo isto, a meu ver, o distancia da tal escola ou cousa que o valha. Sobretudo o Sr. Alfredo de Carvalho me parece um estudioso sincero e honesto, cousa muito mais rara do que se pensa, e muito mais meritoria e respeitavel do que a literatice ruidosa e balofa que na provincia e aqui toma attitudes e procura forçar a celebridade nos botequins, nos corrilhos e nos noticiarios.

JOSÉ VERISSIMO.

Dezembro de 1906.

A PROMESSA

Ao Conde de Affonso Celso, auctor das
paginas immortaes de "Minha filha"

Um terraço de casa de campo. A' direita vê-se um jardim; a esquerda communica para o interior da casa por duas portas. Ao fundo vê-se uma egrejinha de ar modesto e recolhido: no adro estão muitas pessoas do povo ouvindo missa. Ouvem-se repiques de sino. E' dia de anno bom.

SCENA I

A avó, de touca, está reclinada numa poltrona, perto da qual, numa cadeira, estão uma caixa com bonecas e diversos frascos contendo bonbons.

A AVÓ

Anno bom! Anno bom! passam lá fóra
Moças a rir; passam creanças, rindo...
Surgiu o dia vaparoso, lindo...
A Natureza, de contente, chora.

Anno bom! anno bom! Seis rosas tenho
A me alegrar os derradeiros dias...
Seis padre-nossos, seis ave-marias...
Que rosario ideal nas mãos sustenho!

SCENA II

Apparece ROSA, abrindo devagarinho a porta do fundo.

ROSA

Vovó, dona Rosinha
Ficou sosinha.

A AVÓ, *dando-lhe bonbons e uma boneca.*

Só? E as outras? E o Joaquim?

ROSA, *beijando a boneca.*

Foram á missa de Frei
Seraphim.

Diga, vovó, que eu não sei... (*interrompendo-se*).
Abenção! Já me não ia
Esquecendo?! (*a avó abençoa*)

Mas, sim, dizia:
Vão cortar os meus cabellos?
Mamãe já não pode vel-os
Sem que vá logo dizendo:
O tempo foge, e, correndo,
Chega o dia da promessa
A Nosso Senhor dos Passos...
E, me tomando entre os braços,

E, me affagando a cabeça:
«E' no começo do anno.»
(*enxugando os olhos com denguiço*)
Ai, vovó, que desengano!

A AVÓ

O promettido é devido:
Tu estavas doentinha...

ROSA

Antes tivesse morrido!

A AVÓ, *fallando comsigo.*

O formoso malmequer:
Tão creança e já mulher!

(*alto*)

Pois a lembrança foi minha.
O doutor, te abandonando,
Disse na porta, ao sahir:
«Chame o padre para ungir»:
Foi quando, Rosinha, quando
O meu coração sustendo
Eu disse, douda, tremendo,
Abraçando os pés da cruz:
«Tornai-a robusta e forte,
Salvai-a, Senhor, da morte
E as pennas d'essa andorinha,
Os cabellos de Rosinha,
Serão teus, ó meu Jesus!»

Num momento foste salva:
Mais doce que a estrella d'Alva
A Graça Divina veio
E calhiu sobre o teu seio!

ROSA

Mas, vovó, se a gente desse
Outra cousa... (*contando nos dedos*)

O meu vestido
De velludo da côr do ouro...
O meu espelho (*abrindo os olhos*)

Um thesouro
Onde o teu rosto querido
Eu vejo, quando amanhece!
A minha pequena saia
Toda de fina cambraia!
Os meus brinquedos; emfim,
As botinas de setim?!

A AVÓ

Que louquinha, essa cabeça!
Rosinha, quanta doudice
Teu labio formoso disse!
Só tem valor a promessa
Quando custa soffrimento
E vale por um lamento
E nos custa a liberdade,
Ou, como agóra, a vaidade!

SCENA III

Surge uma velhinha. Vem magra, desfeita, arrimada a um bordão. A avó olha-a durante muito tempo, sem a conhecer. A velha, por sua vez, fita-a longamente com um sorriso dorido. De repente, a avó ergue-se tropeça e, commovida, abraça a mendiga.

A MENDIGA

Louvado seja o Senhor
No santo asylo do amor!

ROSA, com um gesto de desprezo

Que velha incherida e suja!
Chi! Como é feia a coruja!

A AVÓ, impaciente

Vae te sentar, minha tonta,
Esta mulher que tu vês
Outr'ora foi rica e feliz...
Fez beneficios sem conta.

(ROSA, senta-se humilhada)

A MENDIGA

Ai, quem me dera, infeliz,
Fazer o que outr'ora fiz!

A AVÓ, que esteve pensativa
um instante.

Vê, Rosinha: ha quarenta annos
(Meu Deus! como o tempo foge!)
A pobre velhinha de hoje
Vivia sem desenganos.
Nós eramos companheiras
Inseparaveis; roseiras
Que embala, cantando, o vento,
Sem um ai, sem um lamento!

A MENDIGA

Annos de riso e de paz!
Fugiram; não voltam; mas (*suspira*)

A AVÓ

Pobre de nós, Margarida!
Agora, no fim da vida,
Somos roseira... despida!
Ha quantos dias sahiste
De tua terra? E' bem triste
Deixar a casinha amada,
O ninho, os amores seus,
E vagar-se desterrada
Por este mundo de Deus! (*batendo-lhe devagarinho com o lenço*).

Vens tão cheinha de pó!
Vens tão curvada e tão só!

A MENDIGA

Ai, tão só! Quem te disse isto?
A pobrezinha de Christo

Traz nos seios desolados
Uma porção de finados! (*dirigindo-se á Rosa que, entre curiosa e commovida, se tem levantado e aproximado*).

Olha: vê tu os meus olhos:
São dous mares sem escolhos,
Aonde, de quando em quando,
Os mortos passam... boiando.

A AVÓ

Teus filhos?

A MENDIGA

Lá se finaram
De peste... longe, acabaram;
E, nessa dor que consome,
Pobre nada miserando,
Vim, nem sei como, arrastando
Tanta saudade sem nome!

ROSA, dando-lhe bonbons.

Espera. Vóvó, escuta:
Corro, depressa, á cosinha
Para trazer á velhinha
Uma papa .. de araruta! (*sae correndo*)

A AVÓ

Não te sentes fatigada?
Vem descansar um pouquinho! (*senta-a*)

A MENDIGA

Foi tão penosa a jornada...
Era tão longo o caminho!

Lá fora acabou-se a missa. Os sinos repicam festivamente. Passam camponezes trajando vestes dominigueiras. Num impeto selvagem, os outros netos penetram o salão e cahem nos braços da avó, menos o Joaquim, o qual já tirou as botinas e monta um cavallo de pau, açoitando-o furiosamente.

SCENA IV

A AVÓ, distribuindo bonbons.

Passaros meigos, que enleio!
O' pintasilgos risonhos,
Pousae, pousae no meu seio,
Bem como um bando de sonhos! (*entrega a caixa de bonecas á Margarida, que começa a distribuil-os*).

Vem do céu esta velhinha:
De lá das alturas, trouxe
Nas azas de uma andorinha
Tanto presente... E ficou-se.

Vossês adorem-n'a todas.
Ha de viver entre nós,
Entre esse grupo de doudas
— As netas — se têm avós.

Emquanto se está fazendo a distribuição, o Joaquim trepa á uma mesa, de onde arranca um tinteiro. Depois de pintar uns bigodes, aproxima-se do grupo.

JOAQUIM

E a mim, vóvó, não dão nada?

A AVÓ, *(beijando-o com effusão)*

Tu não prestas para nada!
Tudo levas em pagode:
Basta-te este bigode! *(o pequeno faz cara de choro; a avó entrega-lhe um polichinello).*

E' parecido contigo;
Monta em cavallo de pau...
Que nome vaes dar-lhe?

JOAQUIM

Ao amigo?

O nome de Nicoláu.

Vae retirar-se correndo; encontra-se, porém, com Rosinha que, de avental, vem conduzindo o prato de papa. Entorna-o. Ella protesta, soluçando alto.

ROSA

Lá se foi tudo entornado:
Que menino desalmado!

SCENA V

Entra Maria, a mãe de Rosa, com uma thesoura na mão.

MARIA, á Avó.

Mãe, porque não aconselha
Seu bando de periquitos?
Não posso com tantos gritos...
Esta gente me põe velha!

A AVÓ

Deves á felicidade
Tão generosa bondade!
Uma casa sem creança
E' uma alma sem esperança! *(vendo a thesoura)*

Mas vaes cortar os cabellos
De D. Rosa?

Apenas consente vel-os.
A cavilosa!

Tem mil ciumes das tranças
A cavilosa!

Podem muito as falas mansas
De D. Rosa!

MARIA, *(affagando a cabeça de Rosa).*

Teus cabellos, filha amada,
Vão se tornar um primor,
Na cabeça ensanguentada
Do Senhor!

E a santa Virgem Maria
Que nos ampara e nos guia,
Fará de ti, com certeza,
Uma princeza.

ROSA, *(supplicante)*

Mamãe, por vóvó e pelos
Martyrios de Jesus Christo
Não me corte os meus cabellos...
Porque, mamãe, me faz isto?

Hei de chorar de manhã
Cedinho, quando accordar
Sem elles, para annellar...
Porque faz isto, mamã?

A AVÓ

E' por ti, ó minha neta!
Na sua linguagem recta
Dizem os velhos do povo:
Quem faz promessa e não paga,
Vê voltar de novo a chaga...
Fica doente de novo!

ROSA

Fica doente? *(batendo com o pé)* Pois sim!
E' melhor ficar assim!

SCENA VI

(Entra José, o pae de Rosinha).

JOSE'

Olá! Bons annos! Então,
Que é isso? Tudo accordado!
E de rostinho lavado!
E de bonecas na mão! *(beija-as)*

MARIA, á José

Chegou a tempo, vossê.
Rosinha, por mais que eu peça,
Diz que não paga a promessa...
Não ha quem geito lhe dê.

JOSE'

O' meu anjinho bemdito
Deixa de teus desmazellos!

ROSA, *(interrompendo-o)*

Mas, papae, acha bonito
Uma moça sem cabellos?

JOSE'

Vejam a tola o que quer!
Meu lindo galho de murta,
Vae mudar a saia curta
Se já queres ser mulher! *(tornando-se carrancudo)*

Mas estou perdendo a calma! *(toma a thesoura e vae cortar os cabellos de Rosa)*

ROSA, *(de joelhos)*

Papaesinho de minh'alma!

SCENA VII

(Aparece um grupo de crianças pobres, entre as quaes vem uma ceguinha).

A CEGA, *cantando*

Infeliz de quem na vida
A luz dos olhos perdeu!
Os olhos da mãe querida
Não vê, e não vê o céu!
Os olhos da mãe querida
Não vê e não vê o céu!

A AVÓ

Rosinha, tú nunca viste
Nada mais triste, mais triste...

ROSA

Vamos lhes dar uma esmola?

JOSE' (*fingindo zanga*)

E' preciso que tu mandes?

ROSA

E eu que dizia na escola:
A gente pode chorar
Sem perigo de cegar:
Sómente as pessoas grandes
—Peccados da vida inteira!—
Adoecem de cegueira...

(Entrega uma boneca a uma das meninas e dá bonbons ás outras. Tira um collar do pescoço e oferece á cega).

MARIA

Vê, José, vê como é bôa
A pequenina leôa.

ROSA

Não tenho mais o que dar!

A AVÓ, (*depois de murmurar ao ouvido de Maria, como quem lembra uma idéa*).

Tens...

MARIA

Se deixasses cortar
Os cabellos...

ROSA, (*transição; amuada*)

Isso não!

JOSE'

... e fossem por mim vendidos...
Quantos meninos remidos
Da dor, ô meu coração!

MARIA

Cada fio d'essa trança
E' um riso de esperança,
E' um vestido, é um pão! (*Rosa fica pensativa*).

A AVÓ

E o proprio Senhor dos Passos
Do céu te abençoaria;
Teu cabelo cresceria
Tanto, tanto, que os teus braços
Para poder penteal-os
Precisaria... cortal-os!

ROSA, (*a José*)

Se agora fosse vendel-os,
Quanto davam meus cabellos?

JOSE', (*affagando-os*)

Assim, tão lindo, um cabelo
Vale mais que o setestrello...

A AVÓ

Um cabelo assim, tão louro,
Certo valia um thesouro...

ROSA

E aos cégos a luz do dia
De novo o Senhor daria?

MARIA

E' certo...

A AVÓ

E' certo...

JOSE'

E melhor

Teu coração ficaria
Extincta a miseria vendo,
Vendo acabar tanta dor.

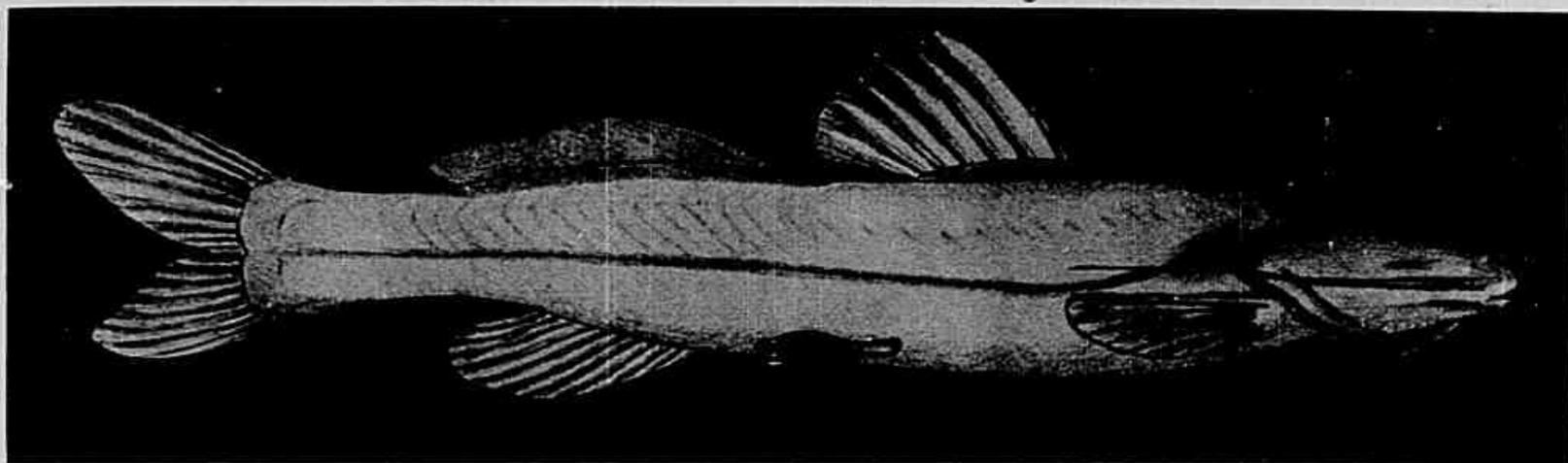
ROSA, (*reflecte um momento; depois, enchugando os olhos, entrega a cabelleira*).

Corte-os, papae, bem depressa,
Corte-os, senão me arrependo...

JOSE', (*toma os cabellos de Rosa, emquanto o panno desce lentamente*).

Vae ser cumprida a promessa.

UMA NOVIDADE ICHTHYOLOGICA



TYPHLOBAGRUS KRONEI

CABEÇA moderada, deprimida, contendo-se 4 vezes e $\frac{2}{5}$ no comprimento do corpo (sem a nadadeira caudal); bocca anterior, com a maxilla superior excedendo, de pouco, a inferior, provida de labios finos que se adaptam, quasi perfeitamente, um ao outro e de largura contida 2 vezes e um terço, no proprio comprimento; barbilhões maxillares teretes, espessos na base, acuminando-se para a extremidade rapidamente e attingindo o apice das peitoraes, quando reclinadas sobre o corpo; barbilhões post-mentaes attingindo, no maximo, a axilla das ditas nadadeiras e os mentaes mal chegando á orla do preoperculo; narinas occupando os cantos de um quadrilatero regular, as anteriores na base dos barbilhões maxillares e tanto estas como as posteriores, providas de uma orla cutanea, muito baixa; fontanella imperceptivel, por causa da espessura da pelle; processo occipital muito curto e afastado da placa pré-dorsal; olhos aparentemente ausentes, ao em vez d'elles apenas uma depressão linear, mostrando a região orbitaria; espaço que medeia entre estas duas depressões, justamente igual a $\frac{1}{4}$ da extensão que vae da ponta do focinho ao aculeo dorsal; aberturas branchiaes amplas, encontrando-se no isthmo, n'um ponto que fica no plano vertical das depressões orbitarias.

Tronco robusto, de altura contida 4 e $\frac{1}{2}$ a 5 vezes no comprimento; peitoraes providas de um aculeo forte, porém, liso que attinge o plano do primeiro raio dorsal; ellas teem a ponta arredondada e quando reclinadas sobre o corpo, as pontas do segundo e terceiro raios, attingem o plano de implantação do terceiro raio dorsal; nadadeira d'este nome elevada, de altura maior que a base e tendo o aculeo modificado em ponta membranosa, no extremo livre; ventraes sem aculeo, não attingendo a anal e, nascendo logo após ao plano da base do ultimo raio dorsal; adiposa grande, originando-se áquem e terminando após a anal que é elevada e de contorno arredondado; caudal furcada, com o lobo superior um pouco maior; linha lateral presente. Côr branca opalina, nos flancos; parte superior da cabeça, barbilhões maxillares, região claviclar, base e raios da dorsal, lado superior dos raios peitoraes, ventraes, anaes e caudaes, uma facha na base da adiposa, esta nadadeira e a linha lateral, de cor cinerea-azulada; isthmo amarelado; ventre branco—em 2 exemplares, no liquido preservativo. D'onde se conclue que, fóra das regiões escuras, o resto do corpo deve ser translucido, no animal vivo. D. 1+6; A. 12.

Tal é a descripção de um bagre, encontrado pelo sr. Ricardo Krone, de Iguape, em aguas das cavernas do Iporanga, tambem no estado de S. Paulo. E' este o primeiro peixe spelaeicola constatado no Brasil e, como os outros da America do Norte (*Amblyopsidae*) apresenta a particularidade de ser cego. Tambem, é o primeiro bagre propriamente confinado á vida das cavernas, o que lhe trouxe em resultado essa atrophia dos orgãos visuaes.

Que genero de vida terá esse miserando recluso?

O estudo completo das aguas do Iporanga, em relação com a vida de *Typhlobagrus kroni*, seria muito interessante; e contamos que o

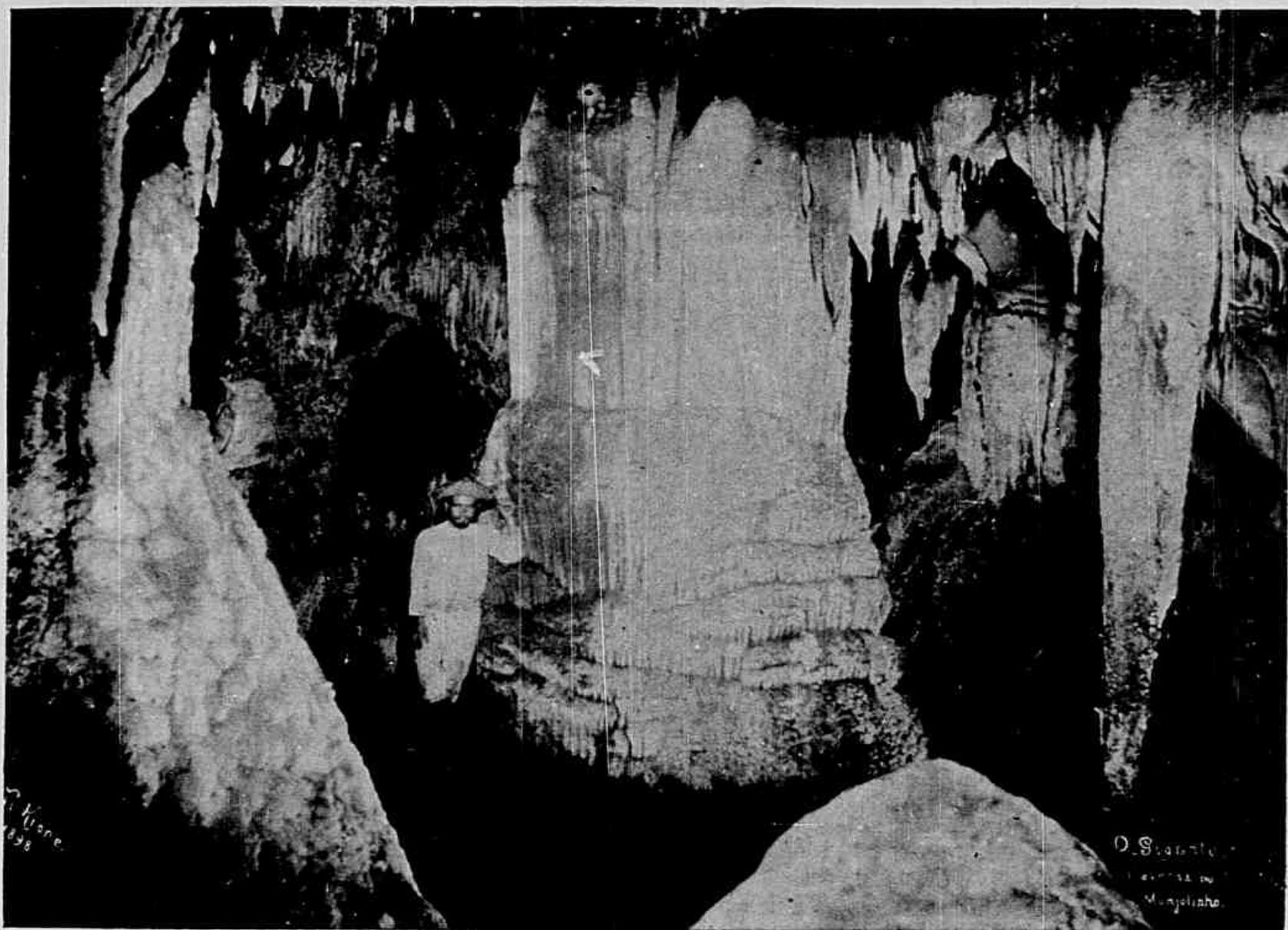
Sr. Krone que tão bem já iniciou o estudo daquellas cavernas (*), queira se dedicar a este assumpto. Competencia não lhe falta; ao contrario, possue-a de sobra, para sahir-se magistralmente.

E quem, só por satisfação propria, procede aos estudos geologicos como os que elle executou, á sua custa, «em proveito do Museu Paulista,» no Brasil, onde quem se dedica á Historia Natural só encontra difficuldades, certamente folgará em contribuir para esclarecimento de phenomenos biologicos tão interessantes, como sejam: a evolução de um ser vivo, reduzido á

(*) Revista do Mus. Paulista, vol. III



«MONJOLINHO»—UMA DAS CAVERNAS DO «IPORANGA», S. PAULO, EM CUJAS AGUAS FOI PESCADO «TYPHLOBAGRUS KRONEI»



O «GIGANTE»—A MAIOR COLUMNA DA CAVERNA DO MONJOLINHO

meio diferente do natural e a sua consequente adaptação, á esse novo meio.

Dedicando-lhe a nova especie, aqui descrita, prestamos-lhe uma justa e merecida homenagem, unica recompensa cabivel aos que, como Horacio, preferem a corôa de hera, da

fronle dos doutos, aos demais premios da vida humana.

Rio, 10—XII—06.

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO.



UMA SOCIEDADE SECRETA

DESDE os tempos do Brasil colonia existiram entre nós, em centros diversos de população, varias associações que envolviam no véo do mais denso mysterio os seus trabalhos e deliberações, todas mais ou menos destinadas a fins politicos.

Entre ellas esteve a Sociedade Literaria do Rio de Janeiro, que denunciada ao Vice-Rei em 1794 teve entre os seus membros presos e processados por *inconfidencia* o mavioso poeta mineiro Silva Alvarenga, que muitos pensam ter sido envolvido na mallograda conspiração de Minas Geraes.

Nos tempos do Brasil reino, do primeiro imperio e da regencia avultou o numero d'essas associações, em cujo seio se discutiam todos os assumptos que interessavam aos destinos do paiz.

A Maçonaria foi d'entre todas a que mais saliente papel representou nos acontecimentos que precederam a independencia, congregando em suas *Lojas* os proceres d'aquelle patriótico movimento, José Bonifacio, Gonçalves Ledo, José Clemente, Conego Januario da Cunha Barbosa, Fr. Francisco de Sampaio, Alves Branco a finalmente até o príncipe D. Pedro.

Lutas entre os liberaes com Ledo á frente e os reaccionarios guiados por José Bonifacio, causaram a dissolução da Ordem Maçonica, encerrados os seus trabalhos por ordem do já então Imperador, dias antes eleito seu Grão Mestre.

Mas tão no habito estavam essas associações, tal fascinação exerciam sobre o animo do jovem monarcha que José Bonifacio instituiu com elementos exclusivamente seus o *Apostolado*; deste fez parte Vasconcellos Drummond que jamais quizera entrar para a Maçonaria. (1)

No seio do *Apostolado* soffreu o projecto de constituição politica do paiz a sua primeira discussão; presidia-o D. Pedro com o titulo de *Archonte-Rei*

Tambem foi dissolvida essa Associação e violentamente, quando com a queda dos Andradas, apeados do poder pelos encantos da Domitilla, converteu-se em centro franco de opposição ao monarcha.

Foi no seio das sociedades secretas que se prepararam as revoluções de 17 e 24 no Nórte do Brasil; saliente papel desempenharam na revolução dos Farrapos.

Proliferaram extraordinariamente no Rio nos tempestuosos tempos da Regencia, desde a Sociedade Militar que trabalhava pela volta de Pedro 1º, até o Club Maiorista que preparou o institucional advento ao throno de D. Pedro 2º.

Na epoca, era natural essa tendencia para a formação das sociedades secretas; pela Europa inteira alastravam as *vendas* carbonarias, agremiando os espiritos liberaes, natural reacção aos esforços da Santa Alliança, preparando nos paizes de governo absoluto os movimentos liberaes.

Entre nós, e por virtude mesmo do seu desarrazoado excesso tinham todas vida assás ephemera.

Productos ás mais das vezes de mera especulação politica, constituídas por individuos que só conspiravam para alcançar as boas graças dos governos, dissolviam logo que o chefe, o cabeça dirigente subia ao poder, acontecendo em muitas occasiões partir a ordem de dissolução do mesmo que as constituiu.

De todas ellas resta ainda hoje a Maçonaria mas arrastando uma vida ingloria, desvirtuada em seus fins, convertida em uma verdadeira Irmandade beneficente, mercê dos elementos que a compoem; em suas sessões só ha torneios de inoffensiva rhetorica e trabalhando no Brasil, no seu seio a minoria é dos filhos do paiz.

Ora, ali pelos annos de 1878 a 1882 houve quem em Pernambuco se lembrasse de crear uma Sociedade secreta á feição maçonica, destinada á defeza do throno e do altar, tendo como Protectores o Imperador e o Papa.

Existem na Bibliotheca Nacional dois *codices* que pertenceram ao fallecido monarcha, que fornecem larga noticia sobre a referida sociedade.

Têm por titulo:

Constituição da Maçonaria do Especial Rito Brasileiro para as Casas do Circulo do Grande Oriente de Pernambuco sob os auspicios de S.: M.: Imperial S.: D.: P.: S.: Imperador do Brazil, da Familia Imperial! e S. Santidade Pontificia.

Caderneta Nominal dos Socios da Nob.: e Aug.: Caz.: Maç.: do Esp.: Rit.: Braz.: Cor.: Liv.: e Pop.: propaganda e installada em Pernambuco.

Foi seu fundador o negociante José Firmo Xavier, que se condecorou com o imponente titulo de Grande Chefe Propagador *ad vitam*, devendo ser em caso de morte substituido por um Grande Chefe Conservador.

Eram considerados grandes Chefes Protectores com o grão 23 S.: M.: I.: S.: D.: P.: S.: Imp.: do Braz.: Sen.: Gr.: Mest.: Prof.:

(1) Annotações á biographia de Vasconcellos Drummond. *Annuaire da Bibliotheca Nacional*—vol. 13

da Ord.: Sua Santidade Pontificia e os Principes da Familia Imperial (art. 79)

Os Socios ou Irmãos se agremiavam em *Cazas* que adoptavam um titulo distinctivo que jamais poderiam mudar, administradas por uma Regencia composta de um *Veneravel*, quatro *Vigilantes*, um *Orador*, um *Secretario*, um *The-soureiro*, um *Fiel*, um *Guarda da Cruz*, quatro *Defensores*, quatro *Accusadores*, quatro *Syndi-cantes*, quatro *Mestres*, quatro *Andadores* e dous *Guardas do Templo*.

Os grãos eram em numero de 23, cabendo o ultimo aos Grandes Chefes Protectores o Imperador e o Papa, o 22º ao Grande Chefe Propagador, o 20º aos regentes das *Cazas*; estas conferião os tres primeiros, denominados: *Discipulo*, *Companheiro* e *Mestre*.

Os Vigilantes tinham assento como nas *Lojas* maçonicas nos topos de duas columnas, mas ali denominadas: *columna Norte do Valle do Soberbo Amazonas* e *columna Sul do Valle do Soberbo Prata*.

A administração superior da *Ordem* era confiada a um Supremo Conselho de 23 membros que funcionava em *Consistorio*, em *Con-selho* ou em *Congresso*.

A séde da *Ordem* era a Provincia de Pernambuco, tendo por titulo a *casa-mater* *Coração Livre e Popular*; compunha-se de *homens livres e independentes cumpridores e observadores das leis do paiz*; admittia sem distincção de classe, a todos os *brazileiros natos* que quizessem jurar a *Santa Fraternidade* e gozar os *beneficios* que ella offerce; seus fins eram defender a *Religião Catholica*, sustentar a *monarchia brazileira*, praticar a *caridade desenvolver as sciencias, as letras, as artes, a industria, o commercio, a agricultura e contribuir para a extincção do elemento servil*.

Nenhum irmão podia comprometter nem dispor da sua palavra a pessoa alguma sem primeiro fazer chegar ao conhecimento do *Tabernaculo* qual o fim para que não calisse em faltas ou erro contra seus irmãos, formando todos um só pensamento, uma só vontade.

Era a seguinte a formula da abertura e encerramento dos trabalhos, que tambem servia de cabeçalho ás communicações escriptas:

Dever Honra e Gloria ao Supremo Architecto do Universo e ao Throno Brazileiro!

Como instituição de previdencia tinha a *Ordem* uma *Caixa Popular* destinada a socorrer os irmãos em desgraça e a constituir um capital para a construcção de predios sorteaveis entre todos os socios quites; alimentavão-n'a as joias, mensalidades, donativos, custo dos titulos e grãos etc. Destinava-se ainda a *arrematar para os Irmãos as empresas publicas e particulares*.

Alem do Grande Chefe Propagador, constituíam a Administração superior da *Ordem* um Grande Vice-Chefe, um Grande Secretario, um Grande Thesoureiro e um Orador, sendo de notar que só este ultimo não fosse *Grande*.

Da lista dos socios constam 838 nomes em sua maioria de artistas. Havia bastantes negociantes ou empregados no commercio, empregados publicos de inferior categoria, maritimos, raros militares de linha ou policia, professores de primeiras letras, quatro advogados e dous academicos.

Na longa lista dos socios da *Ordem* secreta, destinada á defeza do throno e do altar, enviada a D. Pedro 2º para, naturalmente, que conhecesse os seus defensores em Pernambuco, ha alguns nomes que trazem á margem uma expressiva nota—*republicano*. São os seguintes que devem ser conhecidos, muito mais agora que o throno tombou indefeso e ao altar revestido de purpura não minguem defensores:

Dr. Manoel Francisco de Barros Rego, advogado, João Cancio Gomes da Silva, solicitador, Dr. José Austriciano Rodrigues Lima, negociante, Lucio Francisco dos Santos, artista, Augusto Cesar Carneiro de Mattos, empregado na Capitania do Porto, Albino de Jesus Bandeira, official de Justiça, James Enéas Gomes da Silva, artista, Manoel Duarte Vieira Junior, negociante, Dr. Felix de Figueirôa de Farias, advogado, Demetrio Rodrigues Leite, artista, Glycerio Coelho dos Santos, artista, Angelo da Costa Mello Roza, professor de primeiras letras, Francisco Tobias do Monte, artista, Melanio dos Reis Pereira do Lago, Tenente do 2º batalhão de Infantaria de linha, José Samuel Botelho, empregado das capatazias da Alfandega, Francisco Antonio de Sá Barreto Junior, Tenente do 9º batalhão de infantaria de linha, Christovão da Rocha Cunha Souto Maior, artista, José Alves Barboza Junior, negociante, Jesuino Ignacio dos Santos, Tenente do 9º batalhão de Infantaria de linha e Leopoldino Antonio da Fonseca, professor de latim em Garanhuns.

Um sacerdote apparece, socio do *Coração Livre e Popular* o Padre Herculano José de Britto.

Que vida teria tido essa sociedade, que entre tantos fins esdruxulos, um bastava para engrandecel-a a idéa abolicionista?

E' natural que vivam ainda muitos dos socios cujos nomes occorrem na lista citada. Um delles nos poderá vir dizer quaes os trabalhos realizados pela nobre *Ordem* do *Coração Livre e Popular* ou si como tantas outras naufragou logo, não passando de um cartão recommendando uns poucos ás boas graças do poder.



UMA OBRA PRIMA

EM 12 de Agosto do anno transacto, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, recebeu uma carta do conde Francisco Ciura, em que este titular italiano offercia, por venda um topazio verdadeiramente maravilhoso, cujo modelo em gesso chegava

dias depois, para melhor avaliação da sua offerta.

Não só o volume d'essa pedra, que pésa cerca de 2 kilos mas a sua historia e, principalmente, o trabalho artistico que ella hoje representa, tornam-n'a digna de apreço e, por



isso, o seu proprietario, o conde Ciura, não a cede por qualquer cousa.

Entretanto, elle já a tem explorado fazendo-a figurar n'um kiosque especial, na exposição realisada em 1906 em Milão, onde o curioso que quizesse ter a ventura de ver a preciosa joia, pagava a importancia de 50 centesimos italianos, ou mais ou menos 300 réis em nossa moeda.



O kiosque situado á *Piazza d'Armi*, «via Diagonale», sustentava sobre o telhado e sobre a fachada, rotulos em letras garrafaes, armadas de fócios electricos para a noite, onde se lia o titulo «Gran-Mogol». E logo á frente, para mostrar que esse titulo nada tinha que ver com o objecto exposto, ainda o seguinte pregão: «Colossal topazio do Brasil».

Graças á boa vontade que tem o conde Ciura, de transformar em libras esterlinas esta «grande meraviglia mondiale, artistica preziosa, di valore inestimabile, non posseduta da alcun Museo», como se lê no prospecto que acompanha a sua carta; e graças a permissão dada pelo Sr. Dr. Lacerda, Director do Museu Nacional, para a reproducção photographica do modêlo, poderão os leitores do *Kósmos* apreciar o valor artistico da pedra que, para nós brasileiros, só póde ser apreciada por esse lado.

Com effeito, exemplos de topazios do volume do exposto no kiosque «Gran-Mogol», não são raros no Brasil e mesmo no Museu Nacional achamos a prova d'esta asserção, nas bellas amostras expostas nas vitrines de Mineræes do Brasil, logo á direita de quem entra, da rua, no salão Andrada.

O producto da Natureza, aqui, desaparece para dar logar ao genio artistico do homem que n'elle estampou a effigie humana, n'um Christo sobrenatural na correcção da forma e verdade de expressão.

O artista dividio o crystal em duas partes; a posterior elle polio, aproveitando quanto pôde as suas faces; a anterior, elle transformou n'um alto relevo representando a cabeça e o tronco de Jesus, ao partir o pão da Eucharistia.

A cabeça é inspirada; é uma cabeça de moço, emoldurada por uma cabelleira basta, partida ao meio e cahindo em ondas sobre os hombros e pela barba fina, quasi cacheada; a face serenamente erguida, os grandes olhos ternos fixos no firmamento, imperceptivel contracção dos supercilios e a bocca entreaberta, denotam que o famoso rabino se concentra n'uma prece.

Da ampla tunica, presa ao corpo por um cinto, emerge o collo vigoroso e suave. As delicadas mãos, forçando leutamente o pão que se amolda sob os dedos e se fende á meio, sahem das mangas arrepanhadas, deixando perceber a maciesa da carne.

As dobras da tunica e do manto, em parte traçado sobre o braço esquerdo, são de um acabado perfeito.

Quanto esforço, quanta tenacidade para chegar á esse resultado!!

Se o modêlo em gesso é, como parece, a reproducção fiel do original, este é uma obra d'essas que extasiam o artista e impressionam o leigo.



O topazio é brasileiro; napolitano foi o artista que o trabalhou. A' este de pouco valeu o esforço, em que consumiu cerca de 12 annos e 100 libras em pó de diamante; não havendo dinheiro para pagar-lhe o valor de sua obra, essa foi lhe dada e elle... morreu na miseria possuindo um thesouro.

Os que conhecem a insaciavel e torpe cubiça dos usurarios das casas de penhores, poderão julgar do valor d'esse topasio, ao saber que elle foi penhorado, pelos herdeiros do artista, n'um d'esses estabelecimentos pela somma de 400.000 libras!

A pedra bruta, offerecida pelo fallecido imperador D. Pedro ao papa Pio IX, foi por este doada ao rei das Duas Sicilias e de Napoles. Este encarregou Cariello, celebre escultor do seu tempo, de transformal-o n'uma obra d'arte «por acto de 15 de Abril de 1852», diz o conde Ciura.

Succederam-se as famosas luctas que trouxeram Victor Emmanuel II ao Throno de Roma e Cariello, buscando a recompensa do seu trabalho, apresentou-se a este monarcha. Convocado um concilio de artistas, estes julgaram a obra de Cariello «*Capolavoro di Scultura e lo dichiarono impagabile pei grandi pregi.*» «*Sua Maesta volle remunerare l'insigni artista donandogli con Regio Decreto la gemma*» «por decreto de 20 de Outubro de 1865.»

O conde tirou-a do prégo.

E agora, tendo conversado «com os tenentes Murillo Furtado e Guilherme Moutier, enviados extraordinarios do Brasil á Exposição Internacional de Milão» e sob os conselhos d'esses senhores, o conde Ciura offerece o topazio de Cariello ao Museu Nacional do Rio, pela somma de 24.000 *libras esterlinas* «...ao passo que á qualquer outro Museu, elle não faria o negocio por menos de 40.000 libras.»

Merece ser notada a seguinte recommendação: «Queira ter a bondade de me informar por telegramma, pois que será bem possivel que eu venda o meu Topasio a qualquer outro Museu.»

24.000 libras esterlinas ou 360 contos de réis.

Pobre Museu Nacional, paria da administração publica brasileira que quasi necessita de estender a mão á caridade publica para viver; é a ti, cuja verba de aquisição de productos naturaes não excede de 3 contos de réis que offerecem um objecto por 360 contos...

Até parece ironia...

E' bem certo que para tirar talvez se lembrem delle; esse mesmo topazio, quem sabe? talvez tenha sahido de suas colleccões. Foi d'ellas que sahiram «amostras» da natureza brasileira para Portugal, os papos de tucano para o manto régio, a colleção de igaçabas e craneos para Quatrefages, as numerosissimas peças escollidas para as exposições internacionaes com grave damno ou total perda para o estabelecimento; as colleccões para determinar lá fóra e que ou não voltam mais ou sómente voltam com os peiores exemplares; e, depois, para reunir novos exemplares que morram os obscuros preparadores, que se sacrificuem os abnegados, que se adquira... com a verba de 3 contos...

Emfim, já não morremos nos os leitores do *Kósmos*, sem conhecermos, ao menos *de photographia*, o celebre topazio que se via na exposição internacional de Milão de 1906, no kiosque «Gran-Mogol».

A FRATERNIDADE UNIVERSAL

(Commemoração do Feriado Nacional de 1º de Janeiro)

ESTUDANDO a existencia animal no tempo e no espaço, verifica-se que ella resulta fundamentalmente do concurso de pendores que mantêm a integridade de cada ser e concorrem para o congraçamento, em grãos diversos, de todos os seres.

Essa dupla função attinge a maxima intensidade nos animaes superiores, especialmente no homem.

A theoria positiva do cerebro humano esboçada por Gall, completada, aperfeiçoada e systematisada por Augusto Comte, demonstra que os nossos pensamentos e os nossos actos são inspirados sempre pelos nossos sentimentos, e estes sentimentos pertencem a duas categorias: uns se referem á nossa vida pessoal, e são os nossos instinctos de conservação e de aperfeiçoamento, o nosso orgulho, a nossa vaidade, em uma palavra, o nosso interesse e a nossa ambição; outros se relacionam á vida social, e são o apego para com os nossos iguaes, a veneração para com os nossos superiores e a bondade para com os nossos inferiores; em resumo, a natureza humana é composta da *carne* e da *graça*, segundo a linguagem de S. Paulo, ou de *egoismo* e de *altruismo*, pela classificação scientifica de Augusto Comte.

São os pendores altruistas que levam o homem a associar-se, e é a sociedade que os desenvolve successiva e simultaneamente. São elles que fazem surgir os seres collectivos cuja constituição, situação e destino offerecem a mais completa analogia com os individuos de que se formam. São verdadeiros motores sociaes. Sem elles a sociedade é impossivel. A propria existencia individual se torna precaria, oscilla entre a agitação e o torpor, si os moveis do altruismo não preponderam como motivos das satisfações egoistas. Assim, si o homem consegue realizar uma existencia mais ou menos feliz é porque os sentimentos benevolentes lhe são os supremos directores da vida. Amar torna-se então o principio e o fim da existencia. Tudo se resume no Amor; elle symbolisa a realidade inteira. «No mundo nada existe de real sinão amar» — escreveu com verdade e com belleza celebre romancista, presentindo, numa sentença literaria,

a formula scientifica que o Philosopho demonstrou.

Durante uma epoca immemorial, o Amor, a principio vago, indeterminado, continúa e constantemente assaltado pelas ciladas do mais grosseiro egoismo, conseguiu apenas a formação de grupos rudimentares, temporarios, sem uma verdadeira constituição social. Mais tarde, porém, os instinctos sexual e materno, disciplinados pelo apego, instituiram a sociedade fundamental, o primeiro ser colectivo — a Familia.

Por muitos seculos, por millenios talvez, foi esta a unica sociedade perfeitamente definida, até que o desenvolvimento da actividade pela conquista, que exigia o concurso dos membros de familias diversas para uma empreza commum, fez surgir o novo ser colectivo, que as Theocracias esboçaram na instituição das castas e Roma creou definitivamente — a Patria.

Emquanto o laço que une os individuos na Familia é o apego, o que congrega as familias na Patria é a veneração.

Estas duas existencias compostas, geralmente admittidas e consagradas, se distinguem ainda pelo character dominante de cada uma dellas em relação com a nossa triplice faculdade cerebral. A Familia é um concurso de corações; nella preside o sentimento; é o tabernaculo do Amor. A Patria é um concurso de caracteres; nella domina a actividade; é o imperio da força. Em ambas se desenvolve a amizade mais geral — a Fraternidade.

Nascida na Familia, onde tira seu nome das relações entre irmãos, estende-se á Patria pelas ligações entre os filhos da mesma cidade ou do mesmo paiz; irmão e concidadão exprimem grãos diversos mas analogos da fraternidade, que é assim, primeiro domestica e depois civica.

Esta dupla criação da Familia e da Patria, a fraternidade domestica e a fraternidade civica, se completa pela sociedade planetaria, que se desenvolve em toda a Terra, como as duas primeiras na Casa e na Cidade, e que resume todas, resultando da expansão do mais nobre e menos energico dos instinctos sympathicos — a bondade.

O amor dos inferiores que a Edade-Media admiravelmente cultivou, a dedicação aos pequenos e aos fracos, o que é o objecto principal da *caridade christã*, pertençam os pequenos e os fracos a quaesquer familias ou a quaesquer patrias, determinou o surto de uma associação mais vasta, conjuncto de familias e patrias, que constituiu a *Christandade* ou melhor a

Occidentalidade, conforme a interpretação positiva desse phenomeno.

Organizando realmente a Occidentalidade, mas aspirando á universalidade, o Catholicismo presentio o ultimo sêr collectivo que a sciencia, regenerada pelo genio de Augusto Comte, assignalou e demonstrou de modo completo e definitivo, revelando a Humanidade.

As relações fraternas circumscripitas ao lar e á cidade estendem-se finalmente ao planeta inteiro; abrangem o Passado, o Futuro e o Presente; congraçam todos os seres, homens, animaes, plantas e cousas; tudo que na Terra e no Espaço concorreu, concorre e ha de concorrer para aperfeiçoar a ordem universal.

Assim completa-se a série dos entes collectivos oriundos das expansões suculars do altruismo em suas varias manifestações: o amor do lar, o amor da patria e o amor de todos os seres. Commemorar o amor do lar, a fraternidade domestica, é celebrar a festa da Familia; commemorar o amor da patria, a fraternidade civica, é celebrar a festa da Patria; commemorar o amor de todos os seres, a fraternidade universal é celebrar a festa da Humanidade.

Ora, o feriado nacional de 1º de Janeiro, segundo o decreto n. 155 B de 14 de Janeiro de 1890, assignado pelo Governo Provisorio da Republica, redigido de accordo com as ideias philosophicas dos membros desse governo, Benjamim Constant e Demetrio Ribeiro, é consagrado á *commemoração da fraternidade universal*. Consequentemente a festa de 1º de Janeiro é a festa da Humanidade. Nesta data o Brazil, rompendo com um patriotismo estreito, collocando-se acima dos preconceitos de nacionalidade e de raça, celebra annualmente a confraternisação de todos os povos, de todas as raças, e consagra ao mesmo tempo os costumes dos nossos antepassados, que sempre festejaram, atravez de todos os mythos, a aurora de um novo anno.

Mas uma festa é uma expansão de amor. Si para conhecer é preciso primeiro amar, é certo tambem que melhor se ama quando se conhece mais. E' então que a inclinação se muda em affecto; que a sympathia se transforma em amor.

Conheçamos pois a Humanidade para mais amal-a e melhor sevil-a.

Que é a Humanidade?

A' primeira vista parece que a suprema existencia deve ser definida como o conjuncto de todos os homens. Mas não é tal a concepção positiva, scientifica do maior des seres

collectivos. Entre os homens ha os que vivem como elementos parasitas, inuteis e nocivos ao grande organismo; d'ahi não podem ser considerados sociologicamente como homens. Por outro lado, grande numero de especies animaes, biologicamente diversas do homem, collocadas em gráo inferior na serie vital, são órgãos uteis, indispensaveis á existencia e desenvolvimento da Humanidade. Taes seres fazem parte do divino organismo; são sociologicamente homens. Eis porque o supreme interprete da Humanidade a define — *o conjuncto dos seres passados presentes e futuros que concorrem livremente em aperfeiçoar a ordem universal*, ou, usando de uma formulação bella quanto philosophica, — *o conjuncto continuo dos seres convergentes*.

Este magestoso conjuncto forma um ente real com todos os caracteres distinctivos de um verdadeiro organismo. A suprema existencia realisa mais que qualquer outra a combinação da independencia e do concurso. Cada individuo é para a Humanidade o que a cellula é para o individuo. Assim como a independencia da vida cellular não é incompativel com o seu concurso para a existencia de qualquer ser vivo, assim como cada ser renova quotidianamente as suas cellulas, desde o nascimento até a morte, sem perder por isso a sua individualidade, a Humanidade, o maior dos seres conhecidos, o supremo organismo mantem a sua realidade, a sua integridade, apezar da independencia dos seus órgãos e da renovação continua delles.

Além de real e immenso, é eterno; não de um modo absoluto como os deuses antigos, mas relativamente á grandeza e duração dos outros organismos.

E' immenso, porque abrange todas as familias, todas as patrias, todas as raças, o planeta inteiro.

E' eterno, porque sua origem perde-se no mais remoto passado e o seu fim desaparece no mais longinquo futuro.

E' summamente bondoso, sublimemente sabio, grandiosamente poderoso, porque a sua bondade, o seu saber e a sua força arrancaram o mundo do primitivo cahos, transformando pouco a pouco o valle de lagrimas em jardim de delicias, em paraíso terrestre, que será o mundo do Porvir, a Terra de amanhã.

A Humanidade possui assim os attributos divinos, ficando humana; os caracteres de uma deusa que a sciencia demonstra e a arte modifica e aformosêa. E' uma deusa sem o orgulho e a vaidade das divindades que a precederam, como o deus medievo, o qual, referindo-se ao homem, diz, na linguagem da IMITAÇÃO:



«*tu mei indiges, non ego tui indigeo*, eu te sou necessario, e tu me és inutil». A Humanidade, embora deusa, depende dos seus adoradores; é o summo bem, a summa sciencia, o summo poder, mas não o será si os seus órgãos individuaes não concorrerem parcelladamente para a sublimidade do seu amor, a vastidão da sua sabedoria e a grandeza do seu poder.

Este ente superior, verdadeiro Ser Supremo, revelado de um modo systematico e definitivo pelo maior dos seus filhos, realizou através das éras e realisa ainda uma longa, penosa mas admiravel evolução.

Desprendido apenas da animalidade primeira, sahido da noite das cavernas, descobre o fogo, o *mestre de todas as artes*, como lhe chama Eschylo pelos labios de Prometheu. Funda a familia e institue o culto dos mortos. Volvendo os olhos ao céu, ergue altares ao sol e aos outros astros. Lança as bases do methodo subjectivo. Assimila todos os seres ao typo humano, espalhando sobre homens e cousas, animaes e plantas as primeiras graças do amor, os primeiros germens da sociabilidade. Realisa enfim a sua primeira unidade religiosa, commum a todos os seus filhos, a unidade fetichica.

Seculos decorrem. Os fetiches se transformam em deuses. Familias se congregam sob a direcção de um chefe ao mesmo tempo guerreiro e padre, que dirige os homens na guerra e lhes interpreta as vontades divinas. As populações se dividem em castas e prepondera a casta sacerdotal. Pela hereditariedade das profissões, conservam-se e melhoram-se os conhecimentos adquiridos. O prisioneiro, dantes sacrificado, se transforma em escravo. Esboçam-se noções encyclopedicas sobre a ordem universal, especialmente sobre o homem, que é então pela primeira vez assignalado como o centro convergente de todas as meditações. *Conhece-te á ti mesmo* — é a maxima fundamental desses tempos. A Humanidade realisa então a mais completa unidade religiosa, que sob a forma theologica jamais existio; é a unidade theocratica; a theocracia inicial.

Mas era precoce, era prematura essa organização. As faculdades do Grande-Ser não estavam sufficientemente desenvolvidas para serem coordenadas; o regimen das castas breve tornou-se despotico e retrogrado. Rebenta a revolta dos opprimidos e a Humanidade evololve mais ou menos desordenadamente.

A intelligencia primeiro, depois a actividade e em seguida o sentimento, durante trinta seculos, prepararam ao divino organismo o seu regimen final.

A Grecia elabora as maravilhas da Poesia, da Sciencia e da Philosophia, resumidas nos seus genios extraordinarios, symbolizados na triade sublime: Homero, Archimedes e Aristoteles.

Roma consagra a actividade, á conquista do mundo fazendo a guerra para impôr a paz como nos recorda o verso de Virgilio, — *pacis imponere morem* — e prepara o theatro humano incorporando os povos assimilaveis em torno de uma cidade, que é a unica patria de todos. Pelo órgão de seus Senadores e depois pelos mais dignos dos seus Imperadores realisa esse concurso assombroso de actividades estendendo o mundo, que educa segundo as luzes do espirito grego, dignificado pelas virtudes civicas extraordinariamente cultivadas.

A Edade-Media afinal, reduzindo as influencias divinas pela crença num unico deus, continúa sem querer, até maldizendo os antepassados, a elaboração intellectual devida ao polytheismo grego e a incorporação social do polytheismo romano. Disciplinando o espirito e a actividade sob a preponderancia do coração; pregando o reinado do amor sob o nome de caridade christã, a abominação do peccado e a exaltação da virtude; libertando o escravo e emancipando a mulher; a civilização medieva, o regimen catholico-feudal esboça o estado definitivo da Humanidade, que nelle revela de facto a grandeza da sua sabedoria.

Mas a admiravel construcção medieva breve se abala e decae; o seu dogma ficticio não resiste aos progressos intellectuaes; e a organização social é sacrificada pelas ficções da sua base mental.

A sociedade entra em pleno periodo revolucionario, agitando-se em meio de duas impetuosas correntes, ao mesmo tempo contrarias e convergentes: a que destrua as instituições antigas, e a que lança as bases do regimen novo; e assim evolue até explodir na crise tremenda que, num esplendor tragico, vislumbra o estado final.

A' caridade christã que fundou a Occidentalidade, succede a fraternidade humana, o amor terrestre e universal congregando tudo.

O genio assombroso de incomparavel philosopho decifra então os enigmas do Passado e revela os arcanos do Porvir. A Humanidade toma posse de si mesmo, eliminando os seus tutores chimericos. *Diis extinctis deoque succedit Humanitas*, como proclama uma celebre divisa; extinctos os deuses e Deus succede a Humanidade.

Infelizmente esta concepção systematica da fraternidade universal não é ainda acceita sinão

por um pequeno numero de almas que têm a fortuna de possuir o segredo do futuro, graças á obra ingente do Pensador Universal.

Contudo, salvo aberrações retrogradadas ou anarchicas, muito reduzidas, todos os espiritos mais adeantados do Occidente e da Terra, todos os que merecida ou immerecidamente gozam de real prestigio nos tempos contemporaneos, são levados a proclamar espontaneamente a confraternisação dos povos e pregar a concordia humana, embora de um modo incompleto e vago.

O movimento pacifista que se vem accentuando de dia para dia, affirmado em conferencias e comicios, em livros e revistas, sancionado por tratados, reconhecido por congressos e tribunaes internacionaes, mostra que a fraternidade universal tende empiricamente a estabelecer-se, reatando primeiro o laço mais geral, a amizade dos povos, pela eliminação de um dos maiores flagellos da nossa especie — a guerra.

Politicamente é esta confraternisação parcial o problema do dia, a causa commum de todos, quaesquer que sejam as suas convições philosophicas e suas crenças religiosas.

Deistas ou atheus, catholicos ou positivistas, temos uma unica aspiração, um mesmo ideal que a todos religa: é a extincção da guerra, a concordia das nações, o reinado da divina Paz — *deusa superior a todas as outras, veneravel deusa que preside aos canticos e aos noivados*, como já lhe chamava, numa epoca profundamente guerreira, o principe da comedia grega.

Para essa auspiciosa ventura, para a realização dessa divina Paz, o Brazil, só entre as nações, perennemente concorre; pois é o unico paiz onde figura, como disposição constitucional, o recurso ao arbitramento em todas as questões internacionaes.

Hoje que celebramos a fraternidade universal, accentuemos especialmente o advento da concordia das nações, primeiro passo para o congraçamento geral de todos os seres.

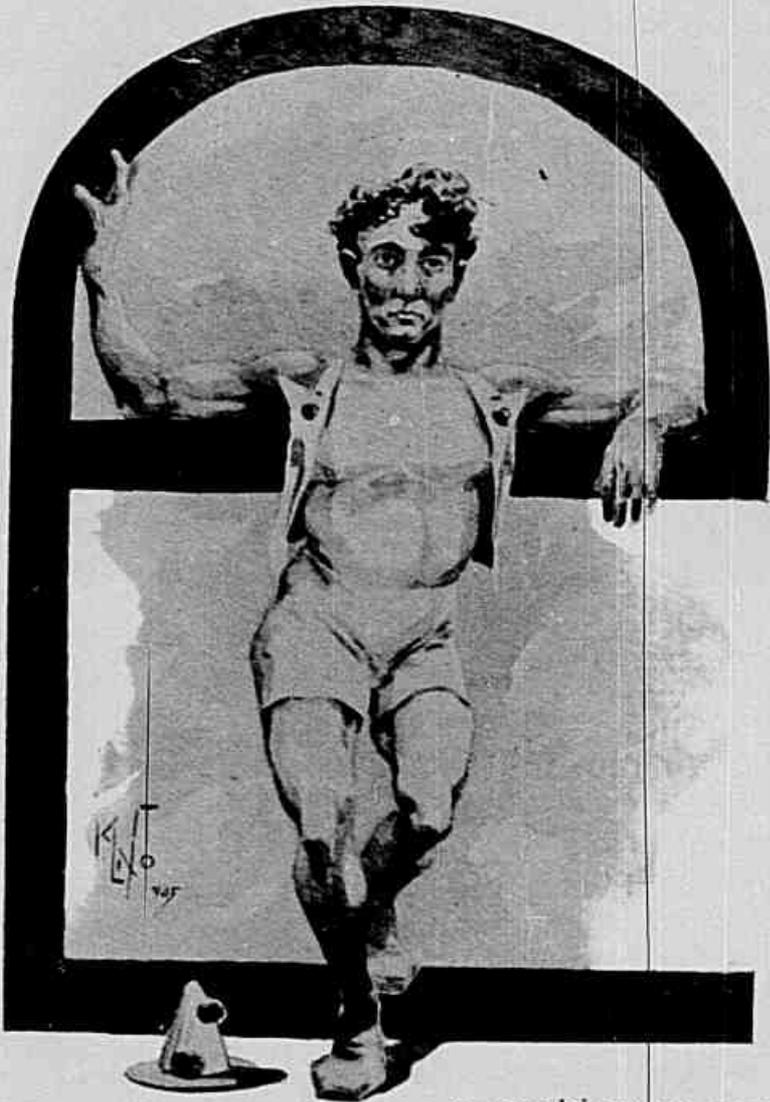
A realização da paz internacional que era hontem uma chimera e actualmente é quasi uma realidade, fará com que a concordia de todos os entes, a fraternidade universal, se torne tambem uma aspiração realisavel. A Humanidade então imperará na terra, congregando os individuos e as familias, os povos e as raças. Então se ha de reconhecer que ainda uma vez os utopistas tinham razão. O sonho dos eleitos do Passado e do Presente será nesse momento a mais positiva realidade.

Descortinando tão esperançoso porvir e rememorando o tormentoso mas admiravel passado, saudemos num mesmo hymno de Amor, a concordia das nações, o congraçamento das familias, a união de todos os seres, a fraternidade universal!

Rio, 1º de Janeiro de 1907.

REIS CARVALHO.





MORTE DO PALHAÇO

SGUIO, anfracto, torturado na rude anatomia muscular dos esboços miguelangelescos, laivos de zingaro na mascara violenta e núa, William Sommers fôra o gallardo *clown* do trampolim e do trapézio, empolgando, num salto, a barra baloiçante dosapparelhos aéreos.

Fôra — grifava nos commentarios a parceria acrobatica, porque, d'um contado tempo a então, William *decahia* em contorsões estranhas, imprimindo aos trabalhos singularidades incompreensíveis, movimentos desordenados, em exercicios amorphos, obscuros, ininteligíveis, de musculos e nervos, estendimentos preguiçosos de giboia somnolenta, tics e tremores nervosos de panthera sacudindo a impertinencia dos moscardos, ou meneios aduncos de côrvo atalaiado e lugubre, como

a combinarem expressões ensaiantes e dubias d'uma arte nova.

A' proporção que se reproduziam essas bizarras manifestações de acrobatismo, exquisitices de habitos afastavam-no da convivencia dos companheiros, esgrouviavam-no, com tedios prolongados, em posturas extaticas prejudgadas pelo esconso parvo dos gymnastas que o alvejavam, ás costas, com observações e esgares injuriantes. William contrahia, em desprezo, a fria bocca sarcastica e voltava á sua immobilidade meditativa.

Elle proprio não poderia explicar, se o quizesse, a transformação porque passava. Era uma necessidade que o movia impulsivamente, cuja origem ignorava. Começara por uma especie d'enfastiamento, um cansaço dos velhos exercicios aprendidos, que executava sem orgulho, mesmo sem a consciencia de encontrar nelles a sua subsistencia. Sobreviera-lhe, depois, uma displicencia, quasi a se confundir com o *spleen*, amarga e crescente, d'essas cabriolas sedições, d'esse revolvido repertorio de jogralices tradicionaes, immutaveis, estafadas, remendadas com retalhos d'entremez e rebutalhos de burletas.

Sem saber porque, sentia a aspiração de uma arte que se não agachasse na recolta dos dixótes de bastidores, nem repetisse desconjuntos de titeres, mas fosse uma caricatura synthetica de idéas e acções, o traço carregado e hilariante, dolorosamente sardonico, do delirio humano em todas as suas expansões, desde as que o rebaixam ao similar das lesmas viscosas, 'té ás que o elevam ao icarismo dos condores arrogantes, uma fórmula não usada, não feita, da satyra gesticulada, delineando no exaggero representativo o ridiculo das intenções.

Não lhe bastariam, para tanto, os esfalfados recursos acrobaticos. Sommers queria febrilmente, procurava afflicto, rebuscava delirantemente mais alguma coisa...

Que era?... Alguma coisa que devia existir; que ao certo existia, embryonaria, ou completada, esparsa pelos seres ou reunida em alguma parte desconhecida, sonho ou realidade... talvez o inedito... Fosse o que fosse!... mas que o enfermava, que o enloquecia quasi, pela grandeza do almejo nos estreitos limites do seu espirito inculto.

E, attento, esmiuçador, tentaculado inteiro por sua idéa, procurava esse segredo, combinando e desfazendo planos, criando e desenhando mentalmente figuras varias, aspectos imprevistos, detalhes impressionantes, approximando-se do vago debuxo d'uma harmonia bizarra, logo accentuada nas suas linhas componentes, logo aperfeiçoada nas suas juxtações, mescla de tintas em correspondencia reflexa de movimentos rhythmicos, o gesto e a côr, a eterna Fôrma e o eterno Colorido completando-se reciprocamente.

Entrava, então, a avaliar, na mimica expressora d'uma determinada idéa, qual a *flexão* que lhe corresponderia, de que maneira conseguiria o accuso caricatural, qual a consonancia colorida que deveria externar, por assim dizer: *objectivar* a intenção. Delirava em torno do seu sonho, seguindo com o olhar, doentiamente crepusculado em vagares de outomno, a marcha tropega dos rafeiros churros e famintos, a ironia triste dos bohemios envelhecidos; perscrutava a pupilla, a attitude, os movimentos dos desamparados, os macilentos das enxovias que riem como os orangos e têm a inquietação farejadora dos roedores, a concentração múrmura dos predestinados para as galés; fundia todo esse penoso estudo em torcicolos e mimicas, em esgares e tregeitos, a lhes descobrir a característica, o flagrante, a nota dominante e certa, a expressão exacta sob o desmesurado da satyra, e, esgotado, alquebrado, volvia, pacientemente, a outras investigações, a outras analyses, esquecido de tudo quanto não estivesse no disco fascinante dessa obsessão, alheiado dos seus deveres, de suas gloriolas de arena, da sua propria existencia material.

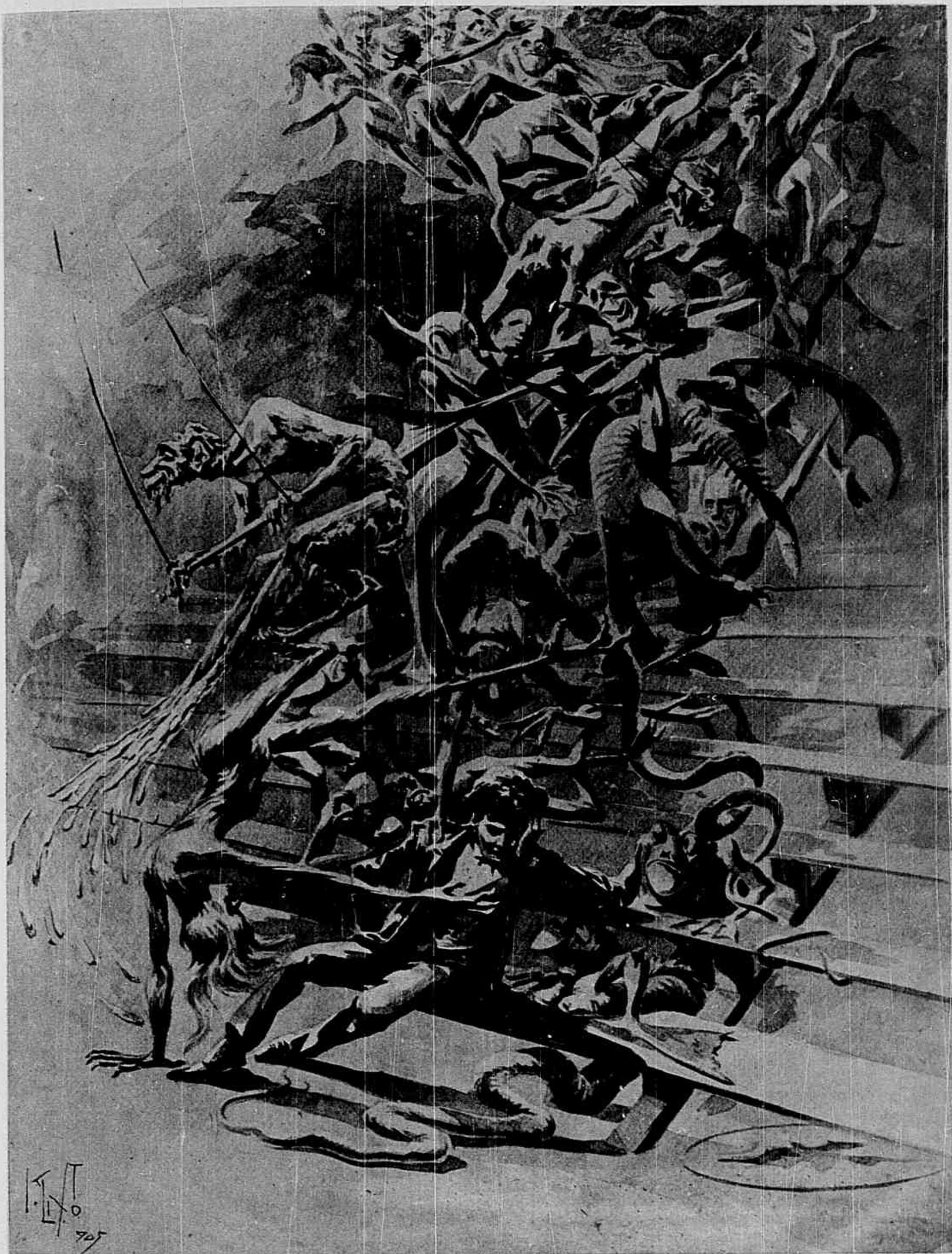
Gradativamente, enquanto mergulhava nessa ambição, enquanto sonhava e tacteava o tenebroso desse ignoto, perdia os favores dos empregarios e a sympathia das platéas. Houve noite em que os silvos do desagrado lhe vararam o amor proprio. William vergou-se, cortado pelo desprezo da multidão que o afrontava com o riso alvar dos seus criticos, com o motejo idiota dos seus censores, e redobrou de esforços para extertorizar a expressão desejada, para precisar a mimica reveladora e emocionante com que sonhava. Mas, como conseguir essa coisa abstracta? Onde decobrir essa mysteriosa fôrma inovadora, esse magico, encantado *novo*, que elle presentia e por cuja conquista se cansava?...

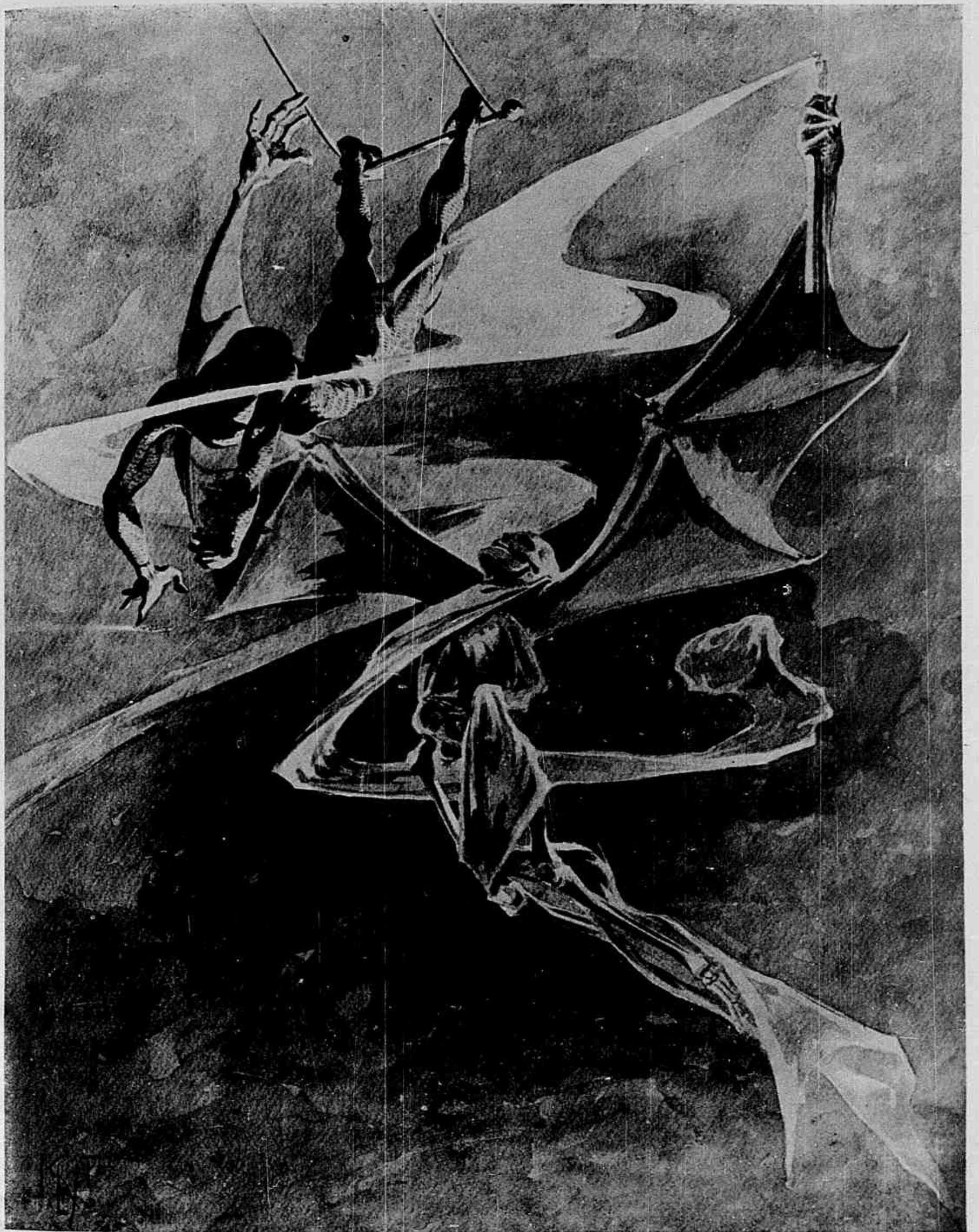
Debatia-se, exausto, contra insucessos, já perdido e desanimado no angustioso torvelhinho das chimeras, já illudido e alentado pela luminosa bruma de miragens promissoras.

Um dia acordou-se. A vida chamou-o á realidade: seus trabalhos não mais influiam nos lucros do seu bando; muitas vezes a fome adormeceu com elle esmagando-lhe a cabeça delirante nos torniquetes nevrálgicos, após o supplicio das vigílias inquietas, que lhe estendiam sombras de demencia nos cansaços da idéalização. E percebeu mais nitidamente, mais pungitivamente a indiferença que o cercava. Não era só a multidão que vinha todas as noites encher a bancada do amphitheatro, pontear de caras os circulos concentricos do *picadeiro*, quem lhe offendia o orgulho; mas a gente da companhia, a gente da sua profissão, que o insultava com escarneos a essas tentativas, vexada em seus respeitos pela arte aprendida e tradicional, abalada em sua mediocridade por se comprehender incapaz de reformar os *exercicios* que suppunha immutaveis.

William encurvava os hombros humilhado e ferido, mergulhava as mãos n'algibeiras e lá se ia, arrastando passos vadios pelo granito das ruas, horas e horas, entregue ao accaso. A's vezes despertava de suas meditações na muralha d'um cáes deserto, ás vezes n'um pendor de estrada solitaria, fóra da cidade, e com o olhar fito na planura agitada das aguas ou nos barrancos das montanhas, indo para o illimitado, para o desconhecido, pelo mysterioso do horizonte oceanico; parado nos recalcos das ribanceiras ornamentadas de festões de avencas e redoiças floridas de madresylva, no emaranho das ramarias e docéis de frondes, esperava encontrar a fôrma desejada e rebuscada, prevista n'um effeito de luz sobre a transparencia corcoveante d'uma onda espumosa, n'um estranho golpe de sol sobre o mosqueado da vegetação exuberante.

E dia a dia, levado no deslizar dos scismares, foi penetrando, insentidamente, n'uma analyse subtil de fôrmas e côres, observando os reptis, estudando-lhes os rastejos, os destendimentos coleantes, as suas precauções investigadoras, os seus arremessos alucinados. Subiu com o olhar ás alturas e attendeu aos movimentos kabalisticos dos corvos, a soturnidade de suas posturas, a expectativa presaga de seus olhares; alçou a vista ao





interior das florestas e notou o soberano languor dos felinos, a volúpia de seus espreguiços e harmonico nervosismo de seus pinchos, a segurança de seus saltos... Comparou-os aos gestos humanos, calcou-os, fundiu-os e dessa fusão intuitiva, resultou um lugubre sardonico e máo, que correspondia a certas côres, a certas tintas tiradas do colorido decorativo das plantas raras, das enfermidades typicas das estufas — a prateada lepra das bigoneas, a gangrena asphixiante de algumas tuberosas, as eschâras exóticas das orchidéas — e então combinou o seu *maillot* original, um tecido fulvo, a maneira de certos pannos mesclados de purpura e oiro da rica tecelagem d'Oriente; sobre elle, em successão ininterrupta, de modo a cobril-o literalmente, minusculos bocetes em placas translucidas, de tom plumbeo, apenas presos por uma extremidade, formando escamosa superficie miúda e movediça. Assim vestido e assim fantasiado, era um maravilhoso monstro de lendas, cuja cabeça a morte substituíra pela sua propria cabeça impressionante e fria.

E nessa noite, de repente, surdiu da farandula grasnenta dos palhaços, num arranco de trampolim — Up! — que o levou á altura dos trapézios.

Foi inesperado. Um sussurro de espanto espalhou-se pelos circo. Quando elle galgou a barra do aparelho, sussurrou, retremendo o ar, um som secco e longinquo de azas de agoiro, o cascalhar indiscriptivel de uma matraca de enterro que sôa por noite alta, no silencio de uma estrada, além... Pelo espaço coriscaram chammas vermelhas, num bafo de inferno. Os espectadores atordoaram-se e lá-cima, na oscilação do trapézio, viu-se o monstro acolorado, quêdo, outra vez da translucidez plumbea de aço horrivel. Os grandes olhos ardentes brilhavam em orbitas escavacadas a bistre, na lividez de uma ossamenta artificial apenas ria immovel, ria sem risos, a feia mandibula descarnada.

Agóra, tornára-se mais perturbador, porque se lhe notavam os meneios arrepiados e duros d'um fantastico, d'um funereo abutre noctivago, de cujo pescoço flacido pendia a caraça fatidica da Morte para a platéa estupefacta. A distancia confundia-o com a probabilidade d'um pesadelo. Havia pupillas que o fitavam com terror; em rostos exangues boccas descoradas retorciam gritos invocalisados. E Sommers respirou orgulhoso... Mas, se assim impressionava, porque lh'o não diziam pelo applauso?... Certo esperavam mais... Sim, talvez elle os arrebatasse n'uma outra prova... E o monstro sardonico, a caveira jogral, foi s'erguendo lentamente ao som de uma surdina ensaiada, foi s'erguendo como um pensamento máo que se levanta. Todo o seu esguio corpo acidulado acendeu-se, vagaroso, em sulferino de carvões ardentes, tremeu como uma pequenina chamma desperta. Mal se lhe via a mascara. N'essa lentidão crescente, era um crime que desponta n'um espirito em nevoas negras de tortura. Devagar o clarão se alastrava, a tentação crescia; relampagos de lavaredas bafejadas corriam sob o palpitar sonante das escamas agitadas, n'um ou n'outro movimento presto. De instante a instante, os gestos se succediam, dilatados n'um espreguiço, aberto n'um aceno acolhedor; eram a languidez de um carinho, eram a posse n'um amplexo... Subito, o incendio lavrou: o palhaço redomoinhou no espaço, como se houvesse agarrado, aniquilado alguma coisa. A quéda d'um chuveiro de chumbo estalou, surdamente, refrangiu o ar, passou... E a caveira voltou á sua immobilitade lá no alto, escura e fria, a rir sem risos.

Um silencio pesava.

Então o monstro começou a mover-se, ora em arremessos, ora aos recúos. E a barra do trapézio, compassadamente, oscilou em vai-vens mais fortes, mais longos, mais largos, 'té estender-se pelo vacuo, em baloiço.

Mysteriosamente um agoiro soprou, algido e penetrante, no intimo de toda a gente: A Morte vôa!... A Morte vôa... lá pelas alturas!... E palpebras esgasearam-se, n'um presentimento; movia-se o ruido offegante do respirar de peitos que arquejam... E o corpo do *clown* voava d'extremo a extremo, voava vertical e rigido, de braços estendidos ás amarras do aparelho, semelhante a um griphus estonteado, sob o tecto do amphitheatro. Ao se avizinhar dos arcos do gaz, accesos e pendentos como candelabros, reluzia todo em frias brancuras de metal polido, em succedaneas e fulvas claridades de fornalha, fascinando e deslumbrando como ambições; mas, depressa esmorecia em deflagrações bruscas de calmaria tropical, transfigurando-se n'uma sombra negra e aterrorisante, de desespero vencido, ao se afastar da luz viva. Dir-se-ia que o mal pairava por ali, procurando o poiso d'uma alma.

De repente, porém, um rumor entontecedor, d'azas viris que se encolhem para flechar a distancia em assalto subito, o monstro varou para outra barra, adeante, e foi correndo,

voiteando de trapézio em trapézio, por um circulo de vôos e rodomoinhos, quasi sem forma que o recordasse, já negro e inteiriçado, já rubro e serpentino, ou em tremente glôbo d'aço, ou em polyformidade flammurante, lembrando rapina que se debate com o valor da presa, agonia que a vitalidade repelle, demonio que o exorcismo afasta, e que persistem, e que volvem, relutam, sangram, escabujam, atropelam, perseguem e recuam, galgam e são galgados, ferem e são feridos, e mais se empenham em agarrar, estrangular, arrebatam... até que, n'um salto duplo, ganhou o seu mirante aéreo, n'um longo hausto de triumpho!

Rasgaram o sussurro das respirações soffregas guinchos de guélas resequidas; uma voz, rouquenha d'enfado e regougante de horror, estalou affronta inconsciente, pedindo-lhe que terminasse. William estremeceu, saculejado no seu orgulho, mas logo deu de hombros com desdem. Que lhe importaria o entendimento da turba?... Sua alma estava toda na desejada perfeição deste trabalho. Fôra elle que o criara, era elle o primeiro que o executava. Amava-o, pois, como um esforço seu. Agora queria completal-o para sua propria satisfação, porque a inedita belleza, resultante de cada gesto de seus membros, de cada flexão de seus musculos, só reflectia no seu proprio espirito, convergindo para a sua propria admiração. E que delicia em se sentir estranho, atormentador, horroroso!...

Eil-o pelos ares, de pé, braços em cruz, voando na cadencia baloiçante do aparelho. E' uma rapina que se apruma nos espaços, um ente fabuloso e hybridado, cuja cauda se biparte em pernas e se eleva invertendo a posição da cabeça; um chimera que se contorse, se destende com as seduções das sereias e se concentra com a tensão muscular d'um polvo. N'um momento todo esse corpo chammeja, e essa cabeça horrorosa, semilhante a base d'um Y que tem as forquilhas presas ao trapézio, bamboleia ameaçadora, olhando da treva das orbitas com desvairadas pupillas humidas.... Depois a enorme letra viva, o grande Y aéreo, toda se enverga, molle e desconjuntada; della se desprendem braços que procuram apoio e se converte n'um hieroglifo e se metamorfoseia n'uma imagem indizível, que começa por lembrar um sapo e termina por tomar a forma mixta d'um homem, cujo corpo exhumado tivesse perdido a mascara tendo o torso e os membros transformados em partes de monstro... E mais sinistras luziam suas pupillas. Ouviu-se o *maillot*, agitado, chocallar n'um suspiro longo. E a Morte correu pelos ares relampejando claridade de tocheiros em procissão nocturna, ondulações flammineas de colgaduras funebres, que se desdobram nas camaras ardentes...

A Morte passou!... a Morte passou!... Zuniu por todos um frio de covardia e apprehensão: A Morte passou!...

Nada mais se viu. Então, irrompeu do povo um hurrah de ovação, sob o barulho das palmas. Mas, um baque secco repercutiu no extremo da galeria. Sommers perdeu no vôo a barra de um trapézio, atravessou o vacuo, foi arrebeitar o craneo n'uma architrave do tecto.

Houve uma paralytia momentanea em todo o circo, gritos que se estrangularam em gargantas febris, olhares esgazeados n'uma allucinação extactica. E os trapézios oscilavam, vazios, vagarosamente, em vaivens sinistros.

Depressa o assombro se desfez, a multidão arrancou-se da perplexidade, n'uma angustia: moveu-se confusa, atropelada, em tumulto, para o logar onde o palhaço caíra.

E lá estava elle, estatelado, inerte, sobre uma das bancadas. A caraça de caveira tornára-se-lhe horripilante. Um dos olhos esbugalhára-se-lhe da orbita escurecida a bistre e abria, desmesuradamente, a pupilla sem luz para o Nada, n'um desespero inutil de vêr; immovel e medonha; na sua bocca artificial, de dentuça descarnada, dilatava-se outra bocca escura e resequida, com um tregeito afflicto, de dentes que, por contraste, pareciam alargar uma gargalhada paralytica, horrorosamente rindo.

E assim ficou-se o estranho *clown* caricaturando a Morte, tornando-a pavorosa pela ironia de ser a propria Morte que gargalhava por esta bocca resfriada o desdem do seu triumpho, incontado e insentido, mas que nunca se apagaria da impressionabilidade dos que o fitaram porque em seus pensamentos ou em seus sonhos a caveira continuaria a rir, a rir immovel, sem risos, n'um desesperado, affrontoso rictus de inexprimível sarcasmo.

A AMAZONA

I

HAVIA mais de tres horas que a infantaria *farrapa*, alcançada a collina para onde a levava Giuseppe Garibaldi, repellia a fogo vivo de fuzil as cargas continuas da cavallaria imperial, que avançava e recuava com os seus quinhentos lanceiros, tentando em vão romper o pequeno quadrado d'essa infantaria invicta. Um massiço de arvores cobria á rectaguarda esse punhado de republicanos, protegendo-o com os seus troncos e ramos, impedindo por ali o ataque inimigo que, reduzido só á frente e aos flancos, tornava-se quasi inefficaz. E era essa a salvação da minúscula columna garibaldina, nesse final de batalha, em que a bravura dos seus, levada ao extremo contra um adversario sete vezes superior, não podera, ainda assim, evitar o desbarato experimentado já pelas demais phalanges democraticas que, com ella, se haviam empenhado nesse renhido combate...

II

A acção geral começara porém nove milhas atrás, á pequena distancia da margem esquerda do rio Marombas, nos campos da Forquilha, cercanias do povoado de Curytibanos. Na vespera, á noite (11 de janeiro de 1840), a divisão republicana ao mando do coronel Joaquim Teixeira Nunes ali acampara, extenuada como estava da longa e incessante marcha em que vinha desde Santa Victoria, onde aniquilara dias antes as forças do brigadeiro Xavier da Cunha, que perecera no seu posto. Esta divisão, pertencente ao corpo do exercito revolucionario de David Canabarro, agora de regresso ao Rio Grande do Sul pela perda e abandono da Laguna, onde operava desde 22 de julho do anno anterior, e que fóra enviada por esse general a bater a columna imperialista do coronel Antonio de Mello e Albuquerque (mais conhecido entre os *guas-cas* pella expressiva alcunha de Mello Bravo) então detido entre Lages e Corytibanos pela derrota de Xavier da Cunha, ao qual não podera juntar-se como pretendia e que constituia a vanguarda das forças de Sabatut, ao momento já em marcha na região interior-norte do territorio de Santa Catharina no intuito de descer a atacar Bento Gonçalves no assédio de Porto-Alegre; esta divisão, dizemos, « para

não deixar escapar» Mello Bravo, fóra fraccionada em duas partes, logo á sahida de Santa Victoria, ficando uma destas, com a cavallaria de veteranos, sob a direcção do coronel Aranha, a outra ás ordens de Teixeira, mas composta, em mais de metade, de cavallarianos prisioneiros daquelle combate e tendo sómente como força firme e experimentada os marinheiros de Garibaldi, transformados pelas circunstancias, desde a retirada da Laguna, em excellente e aguerridissima infantaria que fizera prodigios de valor, e decidira mesmo, do triumpho do combate de Santa Victoria. Fraccionada assim a divisão republicana, Aranha sahio ao encontro do inimigo pela Vaccaria e Teixeira por Curytibanos, marcando-se a villa de Lages — a principal da região serrana catharinense — como ponto de junção de ambos. Na previsão de um encontro com o general Labatut — que era de suppôr passasse por Lages — Teixeira deixou ao collega maior numero de combatentes e ficou com 150 homens mais ou menos. Levaram-no, decerto, a proceder assim tão desavisada e imponderadamente a sua audacia e bravura jamais excedidas em toda essa luta civil de 1835—45, o entusiasmo da ultima victoria alcançada, a indecisão do inimigo que não ousara avançar para o sul e sobretudo (o que muito honra o seu talento de guerrilheiro) a confiança que lhe inspiraram Garibaldi e os marinheiros que commandava, cujo desmedido heroismo certamente o enchera de pasmo e admiração no terrivel combate naval de 15 de novembro de 1839, mas em cujo valor como soldados só acreditara quando os viu levarem por diante, esmagados, os imperialistas do brigadeiro Cunha.

Acampado junto ao Marombas — por onde devia passar Mello Bravo, segundo as noticias sabidas — Teixeira pôz-se a esperal-o. Vedettas e sentinellas foram postadas á margem do rio e nos sitios onde eram mais necessarias. E como todos vinham derreados por tres dias de marchas forçadas, em que se parava apenas para comer, deitaram-se a dormir a somno solto. Sómente Garibaldi, que conhecia como ninguem o inopinado e as surpresas das guerrilhas e que intimamente achava um erro a medida do fraccionamento das forças, tomada pelo chefe sem ouvir o conselho de officiaes, quando se marchava ao encontro de inimigo em descanso, valente e cujo numero não se sabia ao certo, Garibaldi que, além disso, previa a possibilidade de um ataque altas horas, pois o adversario andava perto, limitou-se a madornar ligeiramente. A meia noite, com effeito, o posto avançado do rio foi accommettido, e tão de subito e com

tamanha violencia, que teve de fugir trocando apenas alguns tiros. Garibaldi ergueu-se de repente e, dando o signal de alarme, reuniu a sua gente. Se a força imperial não houvesse logo cessado este primeiro ataque, naturalmente receiosa de um inimigo que não podia avaliar sob as trevas cerradas, a debandada e carnificina dos *farrapos* teriam sido, nessa mesma occasião, absolutas, totaes. Mas Mello Bravo não soube utilizar a oportunidade e só ao romper d'alva, voltou á acção, atravessando o rio com um troço de cavallaria e collocando-se em frente aos outros, á distancia, em attitude de *accommettida*.

«Outro qualquer que não fosse Teixeira, como diz Garibaldi em suas *Memorias*, teria immediatamente enviado um proprio a chamar as forças de Aranha, contentando-se em entreter leve tiroteio enquanto essas forças não chegassem». Mas o coronel republicano era um impetuoso e, receiando ainda «o inimigo lhe fugisse sem offerecer combate», atacou-o furiosamente. A cavallaria *farrapa*, vendo-o fugir sem mais resistencia a essa primeira refréga, suppôl-o vencido e correu a perseguil-o. Com isso contava o chefe imperialista, que havia astutamente disposto a sua gente em pequenos pelotões pelo caminho e conservando a maior parte d'ella para além do *passo* do rio e de um valle arborizado estendendo-se ao sopé de duas collinas separadas por estreita gargania, para a qual esperava attrahir a força inimiga e desbaratal-a por completo. Teixeira irreflectida e inconscientemente encarregou-se de dar todo o exito a esse plano do adversario, sahindo-lhe assim impetuosamente no encalço, sem cuidar na eventualidade, aliás de prever, de que os imperiaes tivessem maiores forças occultas pelas mattas e cochilhas em torno. Seguia-os assim quando de repente foi assaltado por novos pelotões inimigos que o obrigaram a estacar por instantes, dispersando-lhe alguns soldados, mas unindo-se aos outros e logo com elles fugindo. O coronel *farrapo*, reorganizando préstamente os seus esquadrões, voltou á carga e perseguição, com impeto maior ainda. Entretanto, o major Jacintho, que ia na frente e já muito distanciado, chegando a um ponto de onde dominava perfeitamente o campo para lá do *passo* do rio, avisou-o de que o inimigo atravessava apressadamente e em desordem, para a outra margem, levando todo o gado e cavallada que trazia. Activaram então a disparada, fazendo numa hora cerca de tres leguas de caminho! Ao chegarem ás collinas que se erguiam junto ao *passo* do Marombas é que se aperceberam do laço em que tinham cahido, pois os imperialistas, des-

emboscando-se subitamente, cahiram sobre elle com os seus quinhentos homens de cavallaria, envolvendo-os num torvellinho em que o massacre foi horrivel. Os poucos que escaparam da força de Teixeira, quasi toda composta de prisioneiros do combate de Santa Victoria, deitaram a fugir em dispersão na campina. De sorte que só o bravissimo commandante republicano e o major Jacintho, com uma dezena de homens leoninos, ficaram ainda resistindo em meio á derrocada geral da sua cavallaria...

Garibaldi, que recebera ordem de avançar com a infantaria na maior rapidez possivel, escolhendo um punhado dos seus melhores homens e deixando o restante da gente com o major Peixoto, jogou-se a correr para o ponto onde se concentrara o mais renhido da peleja. Mas observando a derrota total da cavallaria *farrapa* procurou, não rehavendo a victoria — o que já era impossivel — mas resistir a pé firme, em local adequado á sua arma, e reunir em torno a si dispersos e fugitivos. Relanceou então um olhar genial pelo terreno em volta e, descobrindo uma alta collina coroada por pequena matta que era como uma fortificação natural, apressou-se em occupal-a, já sob as primeiras cargas da cavallaria monarchista que elle mantinha á distancia debaixo de nutrido e mortifero fogo de fuzil. O seu maior esforço fôra galgar o viso desse monte e cobrir ou apoiar a sua rectaguarda na orla do bosque para resistir até á noite, afim de operar uma retirada segura para algum ponto da campina onde podesse escapar ao furor inimigo e tentar depois reunir-se ás forças do coronel Aranha, em Lages ou na Vaccaria...

III

Alcançado, como vimos no começo, o cimo strategico da collina, Garibaldi resistiu ao inimigo com uma bravura invencivel. Este porém, cuidando reduzil-o a uma capitulação que parecia imminente, redobrava as suas cargas: e era um avançar e recuar nunca visto, em que perdia vidas e vidas. Por fim os assaltos rarearam, pelo empinado da encosta e a fadiga dos cavallos. Já tambem as munições republicanas escasseavam e a vaga apprehensão de uma entrega — pois o sol inda ia alto — surgia, agora, em todos. Garibaldi, no entanto, calmo e firme como sempre, não desanimava um instante, aguardando a chegada de Annita, que ficara para traz com as munições e bagagens, e devia já andar proximo d'alli. Entretia, pois, um leve fogo, olhando

de vez em quando a planura do outro lado, onde ella, de certo, não tardaria a apparecer com o seu piquete de lanceiros e os cargueiros que trazia...

Annita, com effeito, que acompanhara de longe as manobras da infantaria, apressava a sua marcha para a collina, anciosa por juntar-se a Garibaldi, temerosa justamente de que as munições lhe viessem a faltar, em meio ao tiroteio renhido. Mas, apesar dos seus esforços, a marcha continuava morosa, porque os animaes, muito reduzidos em numero e sobre-carregados, vinham que quasi não podiam, estropiados, *varados* pelas trinta leguas de caminho desde a Laguna até áquella região de serra acima. Comtudo, ao ouvir que o tirateio amortecia e pensando que isso podia ser, talvez, a escacez das munições que começava entre a gente que se batia na collina contra a cavallaria, tentou uma suprema energia, gritando aos do seu piquete:

— A galope, camaradas! que os nossos estão lá em perigo. A galope! custe o que custar...

E rompeu na frente, em disparada no seu gineiro magro, a montaria ao vento, duas pistolas á cinta, a carabina atravessada no arção, espada em punho a faiscar ao sol, cabellos soltos sobre os hombros, tendo á cabeça um chapéo de abas largas, em cuja ampla fita escarlate se lia este móte expressivo: PATRIA E LIBERDADE. Parecia uma figura antiga, uma Amazona lendaria.

Os soldados não vascillaram um momento; e, esporeando os cavallos que parecia irem cahir a cada passo como os pobres mueres de carga, largaram a galopar após ella...

IV

A's 5 horas mais ou menos, guiada sempre pelos tiros, Annita subia com o seu piquete, a coberto do inimigo, a contra-encosta da collina, em direcção ao alto arborizado onde a infantaria *farrapa* fazia prodigios de valor ante a cavallaria de Mello Bravo. Quando Garibaldi e os seus a avistaram, foi um delirio de alegria. Todos irromperam, então, em grandes brados de enthusiasmo:

— Morram os imperialistas! Vivam os republicanos! Viva a Liberdade!...

Provida agora de munições e engrossada com os quinze ou vinte homens de Annita, que foi postar-se bem á linha da frente do quadrado, ao lado de Garibaldi, a incomparavel phalange democratica voltara a fazer

fogo de horror sobre a grande massa da cavallaria inimiga que a atacava por todos os lados, menos daquelle onde se erguia o bosque—o principal apoio dos republicanos—que d'ahi haviam retirado uma linha de homens e com ella dilatado o quadrado numa formatura exquisita.

Entretanto os cavallarianos monarchicos dir-se-iam enloquecidos sob o chuvaire de balas, atacando os garibaldinos com impetuosidade nunca vista, não obstante a declividade brutal do terreno que fazia *rodar* os cavallos, precipitando-os, com cavalleiros e tudo, encosta abaixo até á planicie rasa. Mas, a certa altura a luta, parou-se formidavel. A infantaria *farrapa* foi envolvida e, condensada em um nucleo vomitante de fogo ao centro dos que a cercavam, entrou a descer em torvelinho pela outra banda da collina até a campina plana onde Garibaldi, vendo tudo perdido, num ardor sobrehumano e com genialidade, conseguiu metter de novo em quadrado.

Mas na confusão e amálgama indisiveis em que tinham vindo as duas massas combatentes do cimo da collina até alli, não fôra possivel ao grande cabo italiano de mar e terra abrigar no centro do quadrado a insigne Amazona querida e o pelotão das bagagens. Assim, nesse instante, enquanto a cavallaria imperialista atacava em globo o quadrado, ella, a cavallo, e seguida de cargueiros e lanceiros do seu pelotão que haviam logrado escapar, lançava-se a toda brida no campo, a salvar as munições e a sua gente. Emtanto um piquete legal de 20 homens, commandado pelo capitão João Gonçalves (*) sahiu a perseguil-a, e, bem montado como estava, poude em pouco alcançal-a, intimando-a a render-se. Annita, concitando á resistencia os soldados, respondeu a fogo á intimação e engajou vigorosa acção com o inimigo, recebendo então dois tiros de pistola—um que lhe arranca o chapéo e alguns anneis dos cabellos, o outro que fulmina o cavallo em que montava. Não obstante, e mesmo a pé, tira da espada e resiste por algum tempo. Mas a luta era ter-

(*) Diz a lenda que João Gonçalves era noivo de Annita, quando as forças *farrapas* invadiram e tomaram a Laguna. Não é verdade. Como documentalmentemente provamos em a nossa obra *Garibaldi e a Republica Rio-grandense*, Annita, a esse tempo, era casada com o embarcadiço José Manoel Duarte, que abandonou a Laguna com as forças legaes que a defendiam. Fascinada por Garibaldi, apenas o viu, Annita teve, de certo, por elle a primeira e unica paixão da sua vida, e tornou-se desde então a sua melhor e mais fiel companheira. Bateu-se ao lado d'elle em toda a guerra de 1835-45 e esposou-o depois (já o marido era morto), em Montevidéu, na igreja de S. Francisco de Assis, a 6 de março de 1842.

rivel e desigual, e ella, por fim, cõe prisioneira com os seus, bradando porém virilmente:

— Viva a Republica! Abaixo o Imperio!

V

Não longe d'alli, sempre a braços com a tenaz e numerosa cavallaria imperial, a pequena força de Garibaldi—73 homens apenas!—recuava agora, tácticamente, em direitura a um capão que se erguia proximo, como uma guarida e salvação suprema.

O sol descia já no poente, cobrindo com uma luz de ouro leve a immensa campina verde. Collinas e bosques longinquos velavam-se lentamente na sombra. As aguas do Marombas, faiscavam, aqui e além como uma faixa de prata. Para oeste as devêsas de Lages faziam uma renda de bronze sobre a barra fulva do occaso. E toda essa paizagem soberba, corçada pela cúpola azul do céu esplendido, assistia indifferente á horrorosa carnagem da maior luta fratricida em que se radicaram, primeiro, os alicerces da nossa liberdade...

Quando a noite cerrou inteiramente, já a spartana columna *farrapa* se asylava pacificamente numa vasta clareira no seio do capão, que, com os seus bastos troncos e folhagem, a acolhera protectora e salvadoramente. Ahi mesmo, porém, ainda o perigo a cercava, pois a cavallaria legal, rondando em torno, intimava a altos gritos:

— Entregai-vos, *farrapos* porque estais prisioneiros!

Echoando desoladamente lá dentro, esta vós da intimação inimiga parecia ainda uma ameaça de morte, sem salvação possivel—e um desanimo inenarravel apoderava-se de todos, quando Garibaldi, que não fraquejava jamais, concitou-os a partirem, abrindo-se uma picada pelo centro da matta até as planicies do outro lado, de onde poderiam demandar Lages e reunir-se ás forças de Aranha ou de outros quaesquer chefes *farrapos*.

Apezar de derreados pela extrema fadiga e a fome, porquanto os cargueiros de munições de guerra e de bocca tinham sido aprisionados com Annita, officiaes e soldados achavam excellente o alvire. E, organizada uma marcha á formiga, com os feridos ás costas, suspenderam acampamento, seguindo o invensivel Garibaldi, que, á frente da columna, com uma guarda de quinze homens dos mais robustos e sãos, de espada e sabres

desenbainhados, ia abrindo a passagem. Até á madrugada caminharam, caminharam. Mas, á sahida da floresta, o temor de que o inimigo os houvesse seguido para ahi os atacar, avassallou tão fundamente a todos que, ao subito rumor de pôtro chucro fugindo aos saltos entre os troncos, os soldados recuaram gritando:

— O inimigo! O inimigo!

Garibaldi então, efficazmente secundado pelo bravo major Peixoto, que mal podia caminhar com um ferimento no pé, correu a reunil-os, e, com aquella energia inelutavel que todos lhe conheciam, empurrou-os para frente, fazendo-os voltar á marcha.

Ao nascer do sol cahiram em campo raso, tomando a estrada de Lages, livres já do inimigo que ficava para traz...

VI

Prisioneira Annita foi levada ao acampamento imperial onde Mello Bravo e seus officiaes a trataram com respeito, rendendo homenagem ao seu heroismo.

Tinha descido a noite, limpida e de luar. Uma tristeza profunda e tragica envolvia o campo inundado de sangue e alastrado de mortos, onde alguns piquetes imperialistas andavam a levantar os feridos e enterrar os cadaveres. A cada instante chegavam escoltas trazendo os objectos bellicos encontrados e noticias sobre algum morto de valor. Entre estas veio, de repente, a de que Garibaldi havia perecido, pois fôra achado o seu ponche, que um official entregara ao commandante legal.

A' tão dolorosa noticia, Annita que se mantivera até alli altiva e serena, ficou esmagada e desandou a chorar. Atordoadada e perdida de afflicção, quedou-se assim por instantes. Mas, numa dessas intermittencias que têm mesmo os grandes golpes, lembrou-se carinhosa e piedosamente de ir procurar o cadaver desse vulto para ella incomparavel e extremosamente amado. E foi, resoluta, á presença de Mello Bravo, pedir concedesse-lhe a graça de ir procurar o corpo do grande chefe republicano ao campo de batalha. Mello deferiu-lhe immediatamente a justa supplica. E ella logo partiu, sósinha, sob uma nova crise de dôr, vivamente a soluçar.

Percorreu horas e horas toda essa arena de luto e morte a revolver cadaver por cadaver, sem encontrar felizmente o de Garibaldi. Certificou-se assim de que elle estava salvo e, restituida assim á sua força e calma, voltou,

já pela madrugada, á barraca onde se achava prisioneira e com sentinellas á vista.

Desde esse momento premeditou fugir e ir unir-se a Garibaldi, fosse como fosse, custasse o que custasse. Sabia das difficuldades que a cercavam, mas não pensava n'outra coisa. Até que, uma noite, altas horas, em instante feliz e asado, lançando-se de rastros pelo chão como um reptil, para não ser presentida por ninguem, logrou atravessar todas as linhas das forças imperiaes, e fugir, pelos campos da Forquilha, em direcção a um casal que encontrara á orla de um bosque, quando marchava com as bagagens para a collina onde resistia Garibaldi.

Os habitantes desse casal acolheram-lhe com carinho e, apenas souberam do seu infortunio e do estado em que se achava (grávida de um mez e pouco (*)), deram-lhe um cavallo e facilitaram-lhe por todos os meios a fuga...

VII

Numa noite tempestuosa, em que os fuzís e trovões desolavam tudo, d'envôlta com uma chuva diluvial e ventania tremenda, deixou corajosamente Annita a choça que a albergava,

(*) D'ahi ha mezes (16 de setembro de 1840) em Mostardas, Rio Grande do Sul, Annita dava á luz o primeiro filho de Garibaldi, que recebeu o nome de Menotti e veio a ser depois logar-tenente do pai nas lutas pela unificação da Italia e na campanha Franco-Prussiana em 1870, fallecendo em 1905 como general honorario do exercito italiano.

e, montada em pello num bello animal, que tinha por freio e rédeas um barbicacho de corda de embira, sahiu a toda disparada para o *passo* do rio Canôas, em demanda da de Lages.

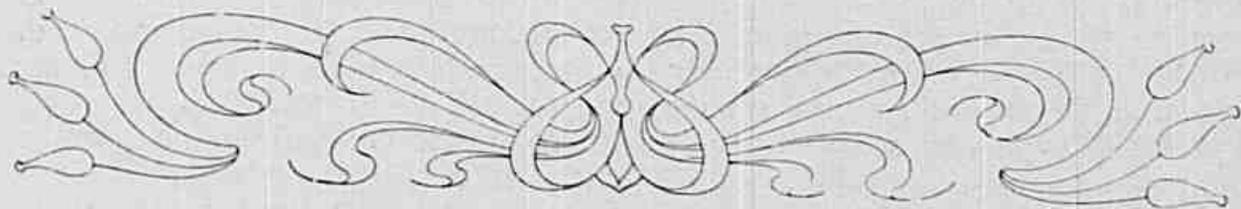
As vedettas monarchicas ahi postadas, vendo-a apparecer de repente nessa galopada infernal, tomaram-n'a por uma Apparição, um Genio da noite ou da borrasca, e fugiram espavoridos, sem de leve pensar em detêr-lhe o passo.

Mas o rio ia já cheio a inundar as margens e o corcél da heroína americana, ao galgar a barranca opposta áquella por onde se metterá á agua, dera um tranco brutal, e ella, embora fosse uma perfeita Amazona, cahiu estendida no chão. O cavallo, esperto mas muito manso, estacara pouco adiante. A fugitiva levantou-se logo e galgou-lhe de novo o dórso, reatando a disparada em que ia, enquanto no céo da noite morta uivava o molosso do vento, roncava a bombardas das nuvens eléctricas, desabavam cargas d'agua, numa *mise-en-scène* sinistra de fitas de fogo instantaneas correndo, fulvas, no espaço...

VIII

Oito dias depois, á frente de uma força *farrapa* que buscava a villa de Lages, a incorporar-se ao «exercito republicano dos pampas», a Amazona gloriosa cahia, alegre e feliz, nos braços carinhosos do *condottieri* immortal.

VIRGILIO VARZEA.



OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES PÓSTAES COM VISTAS ETC.

62, RUA DA ASSEMBLÉA, 62

* * * * * RIO DE JANEIRO * * * * *